

MOMENTO feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO
6.ª-feira, 14 de Novembro de 1947
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 17

UM JORNAL PARA O SEU LAR



Lavadeiras do nordeste, descalças, maltrapilhas, analfabetas. Heroínas obscuras do Brasil

NOSSA CAPA

Percy Lan é um pintor de cenas nordestinas. É dele esse grupo de mulheres descalças, miseráveis, tristes, que ganham a vida lavando roupa, nos riachos.

A miséria dá-lhes também direito à maternidade. Mas os filhos crescem também descalços e também famintos.

Cena nordestina encontrada em todas as regiões brasileiras:

Miséria, nenhum interesse dos governos, nenhum auxílio dos dirigentes do País.

Heroínas obscuras, valiosas, destemidas.

Toda esta miséria irá, até quando?

**ANUNCIE EM
"MOMENTO
FEMININO"**

15 DE NOVEMBRO - DATA DA REPUBLICA

Comemorando um de seus maiores momentos históricos, o Brasil passa em revista uma das etapas mais construtivas de sua edificação no sentido da democracia.

Acelerada para acompanhar o ritmo progressista das Repúblicas do Sul e inspirada em convivências que a guerra do Paraguai permitiu, surgiu cristalina a realidade dos nossos ideais democráticos já em franca efervescência nas campanhas abolicionistas. O "Club Republicano", o jornal "A República" e o "Manifesto" romperam o movimento que dia a dia assumia proporções efetivas. As forças armadas repeliam desastrosos que significavam oposição; os civis sofriam o peso dos impostos exagerados lesivos à economia popular, e os conscientes dos direitos do homem lutavam abertamente pela libertação dos escravos. No borborinho das reivindicações pairava uma espécie de ligação emocional. A figura serena do Imperador, alheia aos conflitos. A contingência da Princesa, essa mulher que precisou sacrificar o Império, com conhecimento de causa, levada a sancionar uma lei que já era uma conquista — desligar o Brasil de uma mancha dolorosa e desumana que foi a escravidão. Assim mesmo, a luta prosseguiu. A política se agitava nas eleições que se sucediam. Os conspiradores firmavam seus postos e combatiam heróicamente em defesa de seus princípios. Saldanha Marinho, Aristides Lobo enfrentavam as oposições. Lopes Trovão o homem das causas populares, descia para o povo, comunicava com o povo e trazia o Povo para a vitória. Falavam sem parar os deputados republicanos. Nem as ilusões de um Prudente de Moraes puderam reprimir o grande movimento. — "O meu programa político é a substituição da Monarquia pela República Federativa". — Prudente de Moraes não era um revolucionário; pre-

tendia colaborar com o Império. Saldanha Marinho intensificava a propaganda. Também Silva Jardim, José do Patrocínio e outros. Benjamin Constant, como professor, preparava os militares do Brasil na Escola da Honra e do Mérito. Homens de valor para um amanhecer próximo. Quando o Ministério do Visconde de Ouro Preto se apresentou à Câmara, foi recebido com uma profissão de fé republicana pelo deputado César Alvim, ao mesmo tempo que o padre João Manoel de Carvalho lançou o brado de morte: "Abaixo a Monarquia, Viva a República!" Estava dissolvido o Ministério e conspiravam brasileiros ilustres. Estava traçado o destino histórico do Brasil. O exército não podia suportar as hostilidades que degeneravam em conflitos impetuosos. Benjamin Constant defendia corajosamente a dignidade de seus camaradas. As brigadas começaram sua marcha e o povo se juntou a seus irmãos de armas. Benjamin Constant vibrava de confiança e caminhava com os olhos postos no futuro. O Marechal Deodoro, doente e enfraquecido, marchou à frente de suas tropas. De São Cristóvão para a Praça Onze. No Campo de Sant'Ana um soldado deu um grito de Viva a República! A polícia e os marinheiros confraternizaram. O Marechal Deodoro venceu com as forças armadas ajudadas pelo povo. Benjamin Constant proclamou a República na Câmara Municipal.

15 de Novembro de 1889. Data de exemplo e de ensinamento. Acontecimento capaz de nortear a trajetória de uma Nação soberana e independente, dona de suas riquezas e senhora de seu destino. Brasil que os brasileiros querem e que há de ser o Brasil de sempre.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA



MUNDO DE HOJE

O problema de união das mulheres brasileiras pertencentes aos mais diversos partidos democráticos, em defesa da Constituição, não foi ainda inteiramente compreendido por todas. Não quisemos ainda sentir o quanto valem, não consideramos ainda — como devíamos — a necessidade imediata, urgente, dessa união. Apregoamos que no Brasil a mulher tem sido sempre uma lutadora valente, mas ficamos apenas na declaração. Esquecemos que os vultos femininos do passado são como lições que não bastam ser aprendidas, precisam ser realizadas. Nossos problemas femininos estão aí claros, esperando soluções que só a nossa força unida poderá encontrar. Nosso direito ao voto conseguido há tão pouco tempo está também ameaçado, pois em cada dia se tornam mais ameaçados todos os direitos políticos dos cidadãos brasileiros. Exasperamo-nos com o custo da vida e esquecemos que a melhor maneira de impedir que continue a alta dos preços ou a falta dos gêneros é engrossar, aumen-

tar, as Uniões Femininas dos bairros. Tudo isso nos aparece com maior clareza quando lemos documentos vindos de outros países onde a União de todas as mulheres obtem vitórias sobre vitórias. Assim vejamos um desses casos: o governo democrático da Iugoslávia estabeleceu um plano de cinco anos para o levantamento econômico desse país, um dos mais sacrificados pela loucura assassina do nazi-fascismo. As mulheres reunidas estudaram as vantagens que o plano lhes oferecia, consideraram que um dos momentos mais importantes na luta das mulheres da Iugoslávia, pela igualdade e pela conquista de seus direitos, foi quando as massas femininas compreenderam que sua posição e seu destino estão estreitamente ligados à luta comum de todo povo. Examinaram o que o plano oferece para o desenvolvimento político-econômico das mulheres iugoslavas e declararam que a verdadeira liberdade e a verdadeira democracia levam à emancipação feminina, à liquidação de toda forma de

escravização, e que o desenvolvimento econômico do país representa para elas, como para todo o povo, a garantia de um futuro mais belo, mais próspero e mais feliz. Não consideram a necessidade de lutar pela realização do plano apenas naquilo que diz respeito exclusivamente às mulheres, como criação de creches, salário igual para igual trabalho, seguro social, etc., mas, pelo que representa de importante para toda a nação. "O progresso industrial tem uma influência considerável sobre a vida geral do povo; o aumento da produção agrícola representa a melhoria do "standard" de vida das mulheres, a eletrificação do país está intimamente ligada ao problema do desenvolvimento da cultura das mulheres iugoslavas, elas sabem que lutando pela realização do plano estão realizando também a grande obra coletiva do bem estar para todos, da alegria para o povo.

"O Poder Popular — dizem elas — provou que é democrata pela atitude to-

mada para com as mulheres e continua provando-o na consolidação diária dos direitos femininos. Mas consideramos que tudo isso depende igualmente das mulheres, de seu trabalho, de sua aptidão para realizar as tarefas mais complicadas na produção econômica e conquistar qualidades novas, seguir cursos profissionais, nada esquecer para aperfeiçoar-se porque todo trabalho trás um lucro para ela própria e para o país."

Mas as mulheres da Iugoslávia só estão conseguindo essas vitórias porque aprenderam, nos negros anos da dominação nazi-fascista que só a união de todas, só o entendimento, só a linguagem comum da defesa da democracia, da independência, da liberdade, pode construir.

Que aprendamos portanto, essa lição.

Quando a França foi ocupada pelos alemães, os intelectuais democratas, continuaram a lutar incansavelmente pela libertação do país. Foram "maquis" sem deixar, de escrever em defesa da independência nacional. Seus li-

vros saíam clandestinamente para o Canadá e eram ali impressos. Chamavam a esses livros comovedores como documentos humanos, "Edições da Meia Noite". Grandes nomes, grandes livros. Jean Cassou, Jean Guehenno, Aragon, Mauriac. E nessas pequenas obras escritas sob o terror nazista, cada um desses grandes nomes de França dizia estar com o povo, mostrando que não é possível, ao intelectual, deixar de refletir os desejos, as necessidades, a vida do seu povo.

Acharam agora os intelectuais franceses que deviam constituir-se em associação cuja finalidade será agrupar, em todas as regiões, aqueles que não podem esquecer os anos de 1940-1945. E chama-se esse organismo: "Os amigos das edições de meia-noite" (enderço: 86 r. D'Assas, Paris-6me).

Ninguém ignora em França o que as Edições de Meia Noite representaram durante os anos de opressão e o que continuarão a defender hoje, acima de todos os partidos políticos.

Divirta-se, Contribuindo Para a IMPRENSA POPULAR
DOMINGO, DIA 16 NA GRANJA DAS GARÇAS, EM CAMPO GRANDE

UM POUCO DE LITERATURA
BREVE NOTÍCIA
SOBRE GIL VICENTE

Lia Corrêa Dutra

Nossas leitoras por certo já ouviram falar em GIL VICENTE, denominado "Fianco Português", e, por certo, o maior gênio dramático da literatura em língua portuguesa.

Gil Vicente nasceu na segunda metade do século XV e morreu em 1536 ou 1537, vivendo, portanto, um longo período de cerca de oitenta anos, que compreendeu três reinados: o de D. João II, o de D. Manuel (O Venturoso) e o de D. João III. Sua obra é vastíssima. Além de várias peças proibidas pelo Santo Ofício (duas farsas, uma tragicomédia e sete autos), deixou ainda 44 autos publicados, fora romances em verso, trovas burlescas, farsas, etc. Dezesseis de seus autos foram escritos inteiramente em português, onze em castelhano e dezesseite em bilingues, o que facilmente se explica, pois, devido à influência das três rainhas que se sucederam, todas elas espanholas, o castelhano era correntemente falado em Portugal naquela época.

Damos, para conhecimento de nossas leitoras, alguns trechos de certos Autos de Gil Vicente:

Do "Auto Pastoril Português":

"Os vossos olhos, senhora, Senhora da formosura,

Por cada momento de hora Dão mil anos de tristura."

Do "Auto do Velho da Horta":

"Vós sois minha despedida, Minha morte antecipada..."

Do Auto da Inês Pereira, esta queixa que faz a rapariga, ansiosa por divertimentos e aventuras, e presa em casa pelos zêlos da mãe:

"Minha vida é mais que morta... Sam en coruja ou corujo, Ou sam algum caramujo, Que não saí senão à porta?"

(Reparem nosas leitoras na pitoresca linguagem do tempo).

Do "Auto da História de Deus" escolhemos um trecho (O Canto de Abel, pastor), que nos mostra a que altura chegava a inspiração religiosa de Gil Vicente:

"Adoral, montanhas,
O Deus das alturas;
Também as verduras
Adoral, desertos,
E serras floridas,
O Deus dos secretos,
O Senhor das Vidãs
Ribeiras crescidas,
Louvai nas alturas,
Deus das criaturas
Louvai, arvoredos,
De fruto prezado,
Digam os penedos
Dens seja louvado!
E louve meu gado,
Nestas verduras,
O Deus das Alturas!"

E, para terminar, transcrevemos para nossas leitoras este canto de louvor, e de patriotismo que Gil Vicente põe na boca de Venus, para cantar sua amada Lusitânia:

"O Lusitânia senora,
Tu te puedes alabar
De desposada dichosa,
Y pámpano de la rosa,
Y sirena de la mar.
Frescura de las verduras,
Rocio de la alvorada,
Perla bien aventurada,
Estréla de las alturas,
Garza blanca enamorada.

Nestes versos, escritos em castelhano por Gil Vicente, no ano de 1532, a inspiração do genial poeta português atinge, como nossas leitoras verificam, uma extraordinária e límpida pureza lírica.

Historias Do Curupira

A selva amazônica é pródiga em monstros e lendas, figuras engendradas pelo medo e a ignorância, contos fantásticos para enganar a vida.

O Curupira é um desses monstros e sua lenda corre a Amazônia. A descrição de seu físico é interessante: é um caboclo pequeno e forte, cabeludo, com um só olho e os pés voltados para trás. É carnívoro e guloso, preferindo carne humana, principalmente a das crianças. O Curupira extravia pessoas na floresta (esse um de seus divertimentos) e prega ao homem as maiores peças. É vingativo e violento.

Vamos ver uma de suas numerosas histórias:

Um dia o Curupira surpreendeu um caçador dormindo debaixo de uma árvore e pediu-lhe:

— Dá-me teu coração; estou com muita fome...

O índio que matara um macaco, deu ao monstro o coração do bicho como se fora o seu. O Curupira devorou-o exclamando:

— Como é gostoso!

— Agora dá-me o teu, disse-lhe o índio caçador.

Ingenuamente o Curupira tomou uma flexa, enterrou-a no peito e caiu. O caçador observou bem e considerando-o morto, afastou-se alegremente. Um ano se passou. Uma noite o índio lembrou que os dentes do Curupira serviriam para fazer um colar e dirigiu-se para o lugar onde o deixara morto. Encontrou o corpo ainda estirado no chão. Com um

pedaço de pau bateu torres no queixo do monstro para fazer saltar-lhe os dentes. Mas com isso conseguiu apenas despertá-lo porque o Curupira é imortal. Sua morte é apenas um sono mais ou menos longo. O monstro levantou-se e disse:

— Graças amigo, por me teres acordado. Pagarei esse serviço fazendo-te presente desta flexa que nunca erra o alvo; mas não contes nada à tua mulher porque se o fizeres ela con-

tará e todo mundo e quando outro homem souber esse segredo, perderás a vida. Adeus.

O Curupira embrenhou-se na floresta e o índio experimentou o valor de sua flexa num urubú que passava. Acertou-o. Alegre correu para casa e contou à mulher o que acontecera, pedindo-lhe que guardasse segredo. A mulher, no dia seguinte — sempre pedindo segredo — contou a outras mulheres que, por sua vez, contaram aos maridos.

Quando a mulher do caçador voltou à cabana, encontrou o marido morto com a flexa do Curupira cravada no coração. Não houve depois força humana que conseguisse arrancar a flexa do corpo do caçador.

OBSERVAÇÃO: — nas fábulas e lendas a mulher sempre aparece assim: tagarela, incapaz de guardar um segredo... A razão da campanha é inferiorizar a mulher, tornando-a um ser, frágil e sem valor.



JARARACA

Convida todas as suas fãs para o angú á baiana dançante na Granja das Garças, próxima ao Campo Grande.

"A MANHÃ"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISCO

É o maior quinta-ferno do mundo

NOSSAS CONFERÊNCIAS

Transferimos mais uma vez a conferência de nosso jornal que ia ser proferida hoje, pela Sra. Hortência Tenaxas, jornalista boliviana, no Instituto dos Arquitetos do Brasil

A reunião de MOMENTO FEMININO será anunciada oportunamente.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO
Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2
Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 19 horas
Exceto aos sábados
— Fone: 23-1064 —

O Filme Educativo Na Polônia

Realizou-se na diretoria do "Filme Polonês" uma conferência de imprensa, dedicada ao filme educativo. Depois de uma introdução, na qual o diretor do Instituto, o sr. Zarembo, delineou o campo de ação do estabelecimento, o sr. Nowicki — diretor do Departamento de Filmes Educativos — dissertou sobre a história, o estado atual e os planos de desenvolvimento dessa modalidade da cinematografia, tão importante de ponto de vista educacional e didático e que constitui um dos principais terrenos de atividades do Instituto.

O Departamento de Filmes Educativos do Instituto Cinematográfico tem as seguintes finalidades: aplicação do filme como auxiliar de ensino em escolas de todos os tipos e graus; exibição de filmes educativos, acompanhados de palestras em centros comunitários de recreio, instalação e administração de salas de projeção sonora e fixa de filmes educativos para o povo de grandes e pequenas cidades e de Cinema Educativo Ambulante por vilas e aldeias; elaboração e produção de filmes escolares, educativos e instrutivos; intercâmbio de filmes com o estrangeiro e aquisição de filmes no exterior.

No terreno escolar a exibição de filmes foi iniciada já em dezembro de 1945.

Em abril de 1946 os filmes eram já exibidos em 6 regiões e no fim do ano letivo 1946-47, as escolas de todas as zonas gozavam desse auxílio educativo.

Atualmente, a exibição efe-

(Do Bureau de Informações polonesas)

tuava-se em 121 municípios, em 1.641 localidades, 341 cidades e 1.300 vilas e 2.808 escolas primárias, secundárias e profissionais.

Foi também iniciada a exibição de filmes científicos nas Universidades, Faculdades de Medicina e Odontologia.

470.000 alunos assistem, duas vezes por mês, à exibição de filmes educativos.

Independentemente dos trabalhos, executados no terreno escolar, o Instituto Cinematográfico iniciou atividades cine-educacionais nos clubes recreativos e criou suas próprias formas de ação: cinema educativo permanente e ambulante.

Além dos cinemas educativos permanentes, o Instituto organiza cinemas educativos ambulantes. Em todo o país, já foram organizados 31 desses equipamentos que chegam a vilas e aldeias até agora privadas de cinema.

Atualmente estão funcionando 3 centros de produção: em Zyrardow — para os filmes de biologia, inclusive os micro-filmes, em Cracóvia para a produção de filmes geográficos, de história natural, topográficos, turísticos e etnográficos, em Jodz, filmes técnicos e adaptação de filmes estrangeiros às necessidades do ensino polonês.

Em Gliwice, Alta Silesia, está sendo organizado um novo centro para a produção de filmes sobre indústria siderúrgica, carbonífera e química — destinados aos operários in-

dustriais e às escolas profissionais.

A Federação das Indústrias Óticas está elaborando, para o Instituto, um modelo de lanterna de projeção com acumulador, que poderá ser usado no campo em escolas privadas de eletricidade.

O resumo das atividades e realizações do Departamento de Filmes Educativos durante o ano e meio de sua existência, é o seguinte:

— foram escolhidos e adquiridos 455 argumentos e 12.325 cópias de filmes educativos para as escolas primárias, secundárias e superiores.

— foram adquiridos 500 aparelhos de projeção fixa, com os quais se fazem as exibições nas escolas.

— foram organizadas 14 Delegações regionais e 100 Representações municipais.

— foi organizado um serviço de projeção em 2.808 escolas de 1.641 localidades, nas quais estão sendo exibidos 2 vezes por mês — filmes escolares.

— foram organizados 1 cinema educativos permanentes e 31 cinemas educativos ambulantes, que se exibem em 240 localidades mensalmente.

As atividades dos cinemas desse tipo estenderam-se a 341 cidades e 1.300 aldeias.

— Foi organizado o Departamento de produção de filmes educativos que rodou em 1947 — 20 filmes.

Estão sendo ultimados 30 filmes. A produção francesa para 1947 é calculada em 20 filmes.

Foi organizado o Departamento de produção de imagens...

É uma verdadeira cidade... E os habitantes lhe deram um nome: a cidade dos mortos vivos. A primeira vista nada nos chocou. O local é muito bonito. Depois de uma leveira encontramos a cidade dos leprosos. Pavilhões nos lados dos jardins, edifícios grandes, de cinema, biblioteca, administração e... Departamento de Ordem Social. Mais adiante, as ruas, como se fosse uma cidade do interior. Casinhas baixas, tôdas iguais, com jardinzinhos na frente... Pode-se mesmo dizer que como uma verdadeira cidade a "Colônia de Curupaiti" tem as suas obras suntuárias... Um jardim bellissimo, lagunho no meio, pontes e bancos. A Igreja muito bem cuidada e um laranjal, pequeno e mal cuidado.

A colônia tem a sua vida própria embora bastante ligada com a cidade de fora. E como em todos os lugares do mundo... quem tem dinheiro, tem tudo. Para os solteiros existem pavilhões separados para os homens e para as mulheres. Mas a vida no Pavilhão, segundo os próprios doentes, é um verdadeiro castigo. Ninguém quer saber do pavilhão. Casam-se, por-



pecialistas em recitar poemas... Mas não existe uma atividade definida. Não existe a obrigatoriedade do trabalho. Alguns doentes mais espertos, possuem até mesmo casa de negócios lá dentro. E' o quitandeiro, a lojinha, etc... Esses estão bem e não pretendem deixar a colônia.

— Pode dizer, que aqui somos os mortos vivos. Deixamos de existir. A maioria aqui tem número e não nome. E lá de fora ninguém quer saber de nós. O preconceito contra a doença é um fato. Em vez de esclarecer a população e mostrar em que realmente consiste a doença, faz-se uma campanha de terror e é só.

A promiscuidade, a falta de alimentação e a sujeira, são as grandes causas do desenvolvimento da lepra. E moram pais e filhos juntos, com lepra ou sem ela. Mais tarde, na adolescência, aparece o mal e vai se perpetuando na família.

Fomos encontrar lá na colônia, dois irmãos. — Eu fugi de casa. Fui fazer exame para a Escola Militar e descobriram que eu estava doente. Fugii e me internei. Dois anos depois

A Cidade Dos Mortos Vivos

tanto, entre si, para possuírem uma casa... Falamos com muitos doentes. Alguns, cegos, pelo leproso nos olhos... outros, com os pés sem movimentos e assim por diante. De nada nos adiantaria descrever tudo o que vimos. Deixemos que os doentes e as mulheres, principalmente, falem por si.

— Estou aqui desde os 14 anos... Por favor, não diga o meu nome. Pode acontecer muita coisa desagradável para mim e não quero... Aqui o sistema é interessante. Temos médicos e enfermeiros que são doentes como nós. Até o dentista é doente. Mas esses são os melhores. Os outros, os médicos de fora é que são os piores. Examinam a gente há 10 metros de distância. Têm pavor da doença. Receitam olhando apenas... E muitas vezes ficamos sem tratamento adequado por que o médico tem medo de nós...

Estávamos conversando quando surgiu uma turma de crianças... Meninos e meninas de tôdas as idades.

— São todos doentes, nos disse uma das moças — e vivem num pavilhão especial. Mas, coitadinhos, muitos dêles a família não liga e nem quer saber. Olhe, aquêles pequeno ali tem 8 anos... O pai casou-se outra vez e o menino está aqui há 3 anos sem assistência nenhuma da família...

— São todos doentes, nos disse uma das moças — e vivem num pavilhão especial. Mas, coitadinhos, muitos dêles a família não liga e nem quer saber. Olhe, aquêles pequeno ali tem 8 anos... O pai casou-se outra vez e o menino

— Quando a gente perde todo o apôio da família, é melhor morrer, falou uma senhora já casada, lá dentro, com um doente. Estou aqui desde os 16 anos. Vim ainda criança. Fiquei doente acho que desde que era pequena, mas só descobriram mais tarde. Fui para o pavilhão e sofri muito. Lá a gente tem que viver com outras no mesmo quarto. A comida é muito ruim e os regulamentos são horríveis. É uma verdadeira prisão. Afinal casei e agora estou melhor. Estamos fazendo tratamento e acho que nós dois estamos melhorando...

Não terminaríamos essa reportagem se contássemos tudo o que vimos. Para que as leitoras tenham uma idéia basta dizer que os "casos" que ouvimos dariam para encher um livro. É o caso de uma operária casada com um doente e que, ao se sentir êle pior, mandou a mulher sair da colônia, trabalhar aqui fora para "arranjar uma aposentadoria". Aliás "aposentadoria" faz uma espécie de classe lá dentro. Os que tem aposentadoria são os privilegiados. Recebem mensalmente de 100 a 300 cruzeiros mensais e vão se defendendo.

— As enfermeiras doentes e médicos tam-

Reportagem de LÉA

bém ganham salário. Mas muitos baixos... Aqui cada um se defende como pode.

O "Promim" trouxe a todos os doentes uma nova esperança. Já vislumbram alguma coisa para o futuro. E procuram conhecer a fundo o tratamento. A Linguagem dos doentes é quase tôda técnica.

mmetaoin shrdl cmipyk etaoim mhrmh rimh mh
— Meu exame já deu muco negativo... Estou quase todo negativo... Dentro em pouco terei alta.

— Quando se toma "Promim" não se pode tomar nada de álcool, porque isso mata mesmo. Nem fumar muito. O "Promim" é perigoso. Acaba com a gente.

Numa das ruas existe uma casa que é habitada por um homem. Isto é contra o regulamento, mas o homem ali continua... Foi amigo de um dos políticos... Tem poderes até mesmo em Curupaiti.

Mas como em todos os cantos do mundo, o amor também tem um lugar de destaque na colônia...

Passava um casal, de braço dado. Ela, mulatinha, jovem ainda. Ele quase louro e com aspecto de garoto.

— Está vendo aquela moça? Há dias atrás tentou o suicídio... Está apaixonada por aquêles menino e êle não queria dar confiança. Ela tomou álcool com anilina e quase morreu. Foi salva a tempo. Agora, acho que vão se casar. A farsa deu resultado...

Entre os doentes, muitos se dedicam a diversas atividades. Uns escrevem, outros são es-



meu irmão apareceu... A culpa foi de papai. Ele estava doente, mas nada nos dizia. Moramos juntos e pegamos na infância... Agora pagamos aqui a falta cometida não por meu pai, mas pela sociedade ignorante, que prefere esconder a esclarecer...

— A lepra, quando no início, é mais fácil de curar. Mas todos fogem da doença e assim, só muito tarde é que se começa o tratamento. Quantas famílias ricas, hoje em dia, escondem os seus doentes, em casa? A colônia de leproso inspira terror e os que tem posses preferem ficar em casa. Pesam na família, e não vivem, pois são obrigados a ficar presos dentro de casa. Mas a fama das colônias, é um fato e preferem se enterrar em casa a vir para cá.

Pouco pudemos registrar de tudo o que vimos. Mas fizemos bons amigos entre os doentes. Eles são seres como nós. Embora se chamem de mortos vivos, êles estão vivos e merecem dos seus aqui de fora tôda a espécie de consideração. Que se faça uma campanha educativa, que se mostre o que é realmente a lepra e como devem ser tratados os doentes. A profilaxia, o isolamento dos doentes, não devem ser feitos apenas por médicos. Temos muito que ensinar ao nosso povo para que saiba se defender de moléstias contagiosas e destruidoras como a lepra.

As campanhas que se tem feito aqui fora, como a de Dna. Alice Tibiriçá, e outras organizações tem prestado grande auxílio aos doentes lá da colônia. As campanhas devem ser incentivadas e os poderes públicos devem olhar com mais atenção para êsse problema, proporcionando aos doentes de Curupaiti melhores médicos, assistência, e meios de cura.

ASSINE
MOMENTO
feminino

3 MESES . . . Cr\$ 12,00
6 MESES . . . Cr\$ 22,00
12 MESES . . . Cr\$ 40,00

Pedidos para a gerente

LUIZA REGIS BRAS

Caixa Postal, 2013 — Rio de Janeiro

NOSSA CORRESPONDENCIA

Frente Democrática De Copacabana



Os moradores de Copacabana organizam-se em defesa dos princípios constitucionais que garantem a democracia. Assim como vem acontecendo em outros bairros a Frente Democrática de Copacabana reúne em seu selo acima de partidos políticos, todos os que realmente querem viver livremente e ver assegurados os direitos mínimos de todos os cidadãos. Em Copacabana dirigem os destinos da F. D. os senhores Tito Lívio (U.D.N.) Gregory Franco (P.S.D.), Breno Silveira (U.D.N.) Segadas Viana (P. T. B.), respectivamente presidente, 1.º, 2.º e 3.º vice-presidentes.

Também as mulheres de Copacabana compreenderam o papel que cabe a cada um de nós neste momento, e encontramos várias delas compondo e presidindo comissões:

Marília Pinto Amando, Brites Barata, Myriam Barroso, Silvia Barros, Jaci Dutra Barreto, Vera Santana, Leonor Barroso, Carmem Sales, Carmem Santara, Antonieta Campos da Paz, Ivone Miranda, Helena Boaventura.

As mulheres de Copacabana, reunidas na F. Democrática apelam para as moradoras do bairro no sentido de reforçar esse organismo de defesa da Constituição, contra qualquer forma de fascismo.

LITERATURA

Está circulando o N.º 5 da revista que Astrogildo Pereira dirige. Colaboram neste número Oto Maria Capeanu; Oswaldino Mapes, Julio Paternostro, Dalcídio Jurandir, Waldemar Cavalcant, Alvaro Moreira, etc. um excelente número bem cuidado

DR. HENRIQUE BASÍLIO RAIOS X

Avenida Nilo Peçanha, 155, 9.º andar - Sala 902 - Telefone: 42-4545 -

UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

A União Feminina de Madureira, entidade civil devidamente registrada pede-nos a publicação do seguinte: está a referida entidade distribuindo na sua sede, à rua Marechal Rangel nº 270, em Madureira, fazendas da Coordenação, banana e arroz, todas às segundas e sextas-feiras, às 20 horas, no local acima referido.

HÉLIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 - 4.º And. - Sala 4 - Telefone: 433505

A COLERA CONTINUA MATANDO

Um comunicado oficial anuncia que durante as últimas 24 horas foram registrados 368 novos casos de cólera e 131 mortes, em todo o território egípcio. Em Alexandria, foi registrado apenas um novo caso, enquanto no Cairo não foi registrado nenhum. (ARP).



As mulheres francesas contra a carestia

COISAS QUE ACONTECERAM

(DOS JORNAIS)

MULHERES FRANCESAS EM MANIFESTAÇÃO CONTRA A CARESTIA

Procedentes de todas as partes do país uma multidão composta de donas de casa se congregou diante do "Hotel de Ville", da capital francesa, para se manifestar contra as reduções e restrições impostas recentemente aos alimentos de primeira necessidade, as quais consideram prejudiciais para a saúde de suas famílias.

LIBERDADE DE PALAVRA, GARANTIA DEMOCRÁTICA

Em seu discurso, o senhor Llearas Camargo, presidente da União Pan-Americana, teve a ocasião de salientar que "enquanto a liberdade de palavra não prevalecer no mundo inteiro, a manutenção da paz dependerá exclusivamente dos esforços que se fizer para evitar que, onde existir a liberdade de palavra, sua luz possa obscurecer as interpretações dos que modificam os fatos" (INS).

UMA MINISTRA DO EXTERIOR

Pela primeira vez no mundo uma mulher é nomeada ministro das Relações Exteriores. Trata-se da senhora Ana Pauker, que acaba de ser

nomeada para essa pasta, no Gabinete rumeno, em sucessão ao titular demissionário, sr. Tatarescu. A recente demissão do ministro do Exterior, sr. George Tatarescu, e de outros ministros (do Partido Liberal, em solidariedade com Tatarescu, líder do Partido deu lugar a uma pequena remodelação ministerial. Para as pastas vagas foram nomeados: Exterior — Senhora Ana Pauker (comunista); Finanças — Vassile Luca (comunista); Obras Públicas — Idrachesco (social-democrata); Cultos — Stolan Stanciu (Frente do Trabalho). Foram também nomeados quatro sub-secretários de Estado.

AS MULHERES NA CAMARA DOS LORDS

Prosegue sem interrupção a campanha empreendida visando obter o direito, para as mulheres, de terem assento na Câmara dos Lordes.

FALECEU A BARONESA

A baronesa de Orczy, escritora ontem falecida nesta Cahora ontem falecida e que escreveu uma coleção de romances populares conhecidos no mundo inteiro, era húngara de nascimento, tendo, porém, desposado um jornalista inglês. Seu primeiro livro foi uma novela policial, escrito em 1900. (AFP)

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41 - Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

Distribuidora Unidade

OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Aceita todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de

REEMBOLSO POSTAL

RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND. PORTO ALEGRE

Continuamos recebendo o apoio de nossos amigos. As necessidades de nosso jornal continuam a se acentuar. As dificuldades surgem a cada passo e vamos lutado arduamente para vencê-las.

Agradecemos aos nossos amigos:

Silveira, que veio à nossa redação trazer uma contribuição de 50 cruzeiros; Nieta Campos da Paz, com a contribuição de Cr\$ 214,00; Hilda Campofiorito que nos ofereceu um lindo quadro à óleo (marinha-Barcos em Araruama), e outro que pediu o nosso silêncio.

Confiamos no apoio de nossas leitoras, pedimos que nos auxiliem também, conseguindo anúncios ou angariando assinaturas. Atenderemos diariamente, em nossa Redação de 11 às 13 horas.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina, Pús, Fêzes, Escarro, Liqueur — Diagnóstico de gravidez — Vacinas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutíreações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios

DR. EVALDO DE OLIVEIRA

ACADM. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ Tec. OCTACILIO F. DE MELLO Das 9 às 11 e das 14 às 18 horas

DR. LINANDRO DIAS

DOENÇAS INTERNAS -- TUBERCULOSE RADIOLOGIA PULMONAR

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18.º and. Sala 1801 Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca Telefone: 38-6837

GRANDE FESTA PRÓ-TRIBUNA POPULAR DOMINGO, DIA 16

EM

CAMPO GRANDE

"SHOW" COM A PRESENÇA DE JARARACA, MARIO LAGO E OUTROS ARTISTAS DOPOVO!

★

Dança, desde a hora de chegada, num grandioso salão, da GRANJA DAS GARÇAS!

★

ótimo serviço de bar! Transporte de Campo Grande a cargo da Comissão Organizadora! Barracas! Provas esportivas.

Continuação do número anterior

A Floresta Alegre
Ato 3.º

Os tucanos cinzentos.

A girara.

A girafinha.

O mocho.

A borboleta.

Uma ciareira na floresta dos bichos. Muita luz e muito sol. Árvores finas, com folhas bem verdes. A girara está passeando com a girafinha.

Girafinha: Mamãe... a senhora já viu alguma vez a deusa da noite?

Girara: Bicho que pisa na floresta escura não volta nunca mais. Promete-me que nunca te aproximarás dela.

Girafinha: Por que, mamãe? Gostaria de ver a deusa uma vez. Dizem que é bonita, com cabelos tão verdes quanto as folhas e que fala melhor de que os bichos.

Girafa, nervosa: Só grita palavras feias, e não tem alma, e não gosta dos bichos. Não tens bastantes amiguinhos aqui? Não estás satisfeita na floresta dos bichos onde todos se dão bem e brincam juntos?

(Chegam os dois tucanos com vôo pesado. Estão exaustos. Caem no chão.)

Girafa: Coitadinhos, como estão cansados!

A girafinha começa a rir.

Girafinha: Como são feios. Feios, feios, feios.

(Os tucanos procuram levantar-se, assustados.)

Girafa, zangada: Deixa estes dois estrangeiros em paz, minha filha. Vai buscar um pouco d'água para eles.

A girafinha sai pulando e rindo com deboche. A girafa diz com doçura:

Girafa: Vocês veem de muito longe, não é passarinhos?

Tucano: Sim, senhora, da floresta escura.

Tucana: Seguimos uma borboleta, mas ela sumiu. A girafinha trás água e lhes dá.

Tucana: Muito obrigada. Como Você é gentil! Bebem.

Girafa: Viviam mesmo com a deusa?

Tucana: Sim, senhora. Trabalhávamos para ela, e as cobras pretas nos fiscalizavam, e sempre vivíamos assustados.

Tucano: E sempre estávamos com fome.

Tucana: E vimos dois passaros lindos, um branco e um colorido.

PERSONAGENS: 2 tucanos cinzentos
2 tucanos coloridos
A deusa má, da floresta
Uma saira de sete côres
Uma garça
Uma girafa
Uma girafinha
Um elefante
Um mocho
Muitas cobras pretas



1.º ato: Na floresta escura da deusa má
2.º ato: Na beira da floresta escura com a floresta clara
3.º ato: Na floresta alegre dos bichos
4.º ato: O lago, da floresta alegre

Tucano: E chegou uma borboleta.

Tucana: E a deusa gritou muito. E as cobras quiseram pegar-nos. Mas conseguimos fugir.

Girafa: Coitadinhos. Descansem. Aqui ninguém faz mal à ninguém.

Os passaros caem adormecidos.

Girafinha: Como deve ser antipática a deusa.

Girafa: Está vendo... Vai buscar o Dr. Mocho, minha filha. Quero conversar com ele.

Girafinha: Nosso sábio, mamãe? Será que ele terá tempo de vir até aqui?

Girafa: Diga-lhe que é um assunto muito importante.

A girafinha sai correndo e a girafa passeia em torno dos passaros adormecidos e os examina.

Chega a girafa com o mocho. Este tem ar muito sério, óculos grandes, sobrecasaca.

Mocho: Bom dia, Dona Girafa.

(Faz uma profunda reverência.)

Girafa, (agitada): Bom dia, Dr. Mocho. Permite-me chamar o Senhor porque queria sua opinião sobre esses dois fugitivos que chegaram da floresta da noite.

Mocho, examinando os passaros adormecidos: São muito parecidos com nossos tucanos... Mas é esquisito... Faltam-lhe as côres nas penas. E são tão magros...

Girafa: Tenho a impressão que são os filhinhos da Dona Tucanita que foram roubados há muito, muito tempo pelas cobras da deusa má.

Girafinha: Será mesmo, mamãe?

Girafa: Não te mete em conversa de gente grande, minha filha.

Mocho: É possível. Preciso pensar.

(O mocho instala-se, solene, num tronco. Põe os óculos bem no nariz e pen-

sa. A girafinha olha para ele com ar respeitoso.)

Girafa, após uns segundos de silêncio: Acha o Senhor que devemos prevenir os pais?

Mocho: Não, senhora. É preciso descobrir primeiro um meio de lhes devolver o aspecto normal, curá-los da sua doença. Vou consultar o outro sábio do reino dos bichos. O Dr. Elefante é eu temos que dar um jeito nisso tudo. Até já, minha senhora.

O pano cai.

Ato 4.º

O Lago

O lago da floresta dos bichos. A água é azul e brilhante. Flores grandes de todas as côres. Muito sol.

O mocho.

O elefante.

A girafa.

A girafinha.

Os 2 tucanos cinzentos.

Os 2 tucanos coloridos.

O elefante e o mocho estão passeando e conversando.

Elefante: Sim, Dr. Mocho, o Senhor tem toda razão.

Mocho: Então, o Dr. Elefante, acha bom experimentar meu tratamento?

Elefante: Sem dúvida, doutor, sem dúvida.

Mocho: Nesse caso, acharia bom que o Sr. fôsse buscar já nossos amiguinhos.

Elefante: Pois não, doutor, pois não.

O elefante começa a andar muito devagar para a direita.

A intensidade do sol começa a diminuir.

Mocho: Em alguns minutos o sol vai começar a deitar-se e seus raios coloridos acariciarão as águas do lago.

Elefante, (virando-se): E é exatamente neste momento que mergulharemos os passaros no lago, não é?

Mocho: Isso mesmo, isso mesmo.

O elefante sai e o mo-

cho examina o lago e o sol, com ar solene.

Mocho: Tenho muitas esperanças, muitas mesmo.

O elefante volta, carregando os 2 tucanos cinzentos na trompa. Põe-os no chão.

Mocho: Não se a sustem, passaros. Queremos seu bem.

Elefante: Vou mergulhá-los no lago para curá-los a doença.

Tucano: Que doença, meu senhor?

Elefante: A falta de côr.

Tucana: Tenho medo da água.

Tucano: Não quero tomar banho.

Tucana: Também não quero.

Procuram fugir. O sol tornou-se vermelho e raios de todas as côres projetam-se no lago que está maravilhosamente lindo.

Mocho: Não podemos esperar muito. Está na hora. Depressa, Dr. Elefante ou vamos perder a oportunidade. Está na hora. Olhe como está o lago.

O elefante pega rapidamente o tucano e o atira nágua. Em seguida pega a tucana, que procura também fugir e a atira também.

Mocho, tirando um relógio da sobrecasaca: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze...

Elefante, que está olhando na água: Acha que basta, Dr. Mocho.

Mocho: Pode retirá-los.

O elefante mergulha a trompa no lago e pega o tucano que se tornou lindíssimo, com um bico bem amarelo e penas de todas as côres. Põe-o no chão.

Depois vai buscar a tucana que, também, tem penas deslumbrantes e um bico dourado.

Mocho, com um suspi-

ro: Não esperava resultado tão maravilhoso.

Elefante: Que beleza!

Os tucanos parecem nervosos e assustados. Mas, de repente olham um para o outro e dão gritinhos de espanto.

Tucano: Como estás linda, irmãzinha.

Tucana: Como estás mudado...

Mocho: Não querem olhar-se no espelho do lago antes que caia a noite, tucanos?

O elefante o empurra. Os passaros olham para baixo. Estão encantados. Dão gritinhos.

Tucanos: Somos tucanos. Somos tucanos. Somos tucanos. Somos tucanos.

Elefante, satisfeito: Agora podemos mandar chamar os pais.

A girafinha chega, pulando e dá um grito de surpresa.

Girafinha: Mamãe, mamãe, venha. Vi uma coisa extraordinária. Mamãe...

A girafa chega devagar e para, estupefata.

Girafinha: Bonitos, bonitos, bonitos... Não querem vir brincar comigo?

(Chega a borboleta.)

(Todos começam a rir, gritar, voar, dançar. Dança de alegria louca.)

Gritos: Parabens, Dr. Mocho. Bravo, Dr. Elefante. Os senhores fizeram um milagre.

Viva nossos doutores... Etc.

Tucano: Agora não somos mais os escravos da deusa má.

Tucana: Agora somos bichos de verdade.

Tucano: Nunca mais voltaremos à floresta escura.

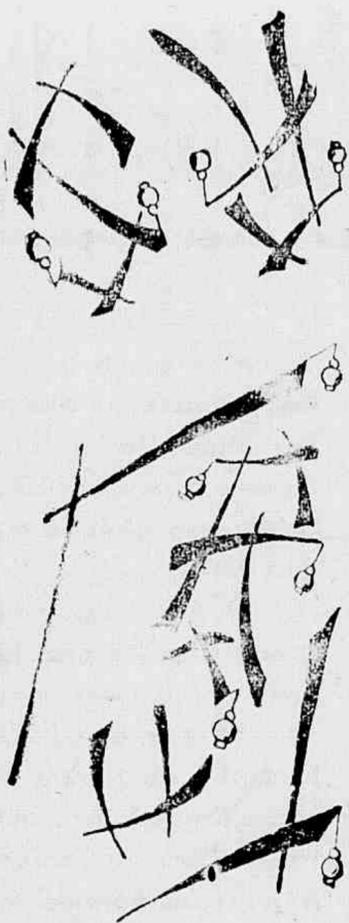
Tucana: Pertencemos à floresta alegre!

Mocho: E ao Sol, meus amigos, e ao Sol.

(Todos dançam, cantam e brincam, e o pano cai.)



MODELOS DE PARIS



Os modelos dão grande encanto aos vestidos de linho ou às blusas tipo chemisier. Esse tipo de monograma imitando caracteres japoneses é de muito bom gosto.



Faca de MOMENTO FEMININO o seu jornal.



LICÃO DE COSTURA

BOLERO MARIENNE



Ainda uma lição bem elementar. Vejamos como iremos cortar o nosso bolero. Dobre a fazenda ao meio sobre a largura. Marque em seguida a metade das costas e nesta

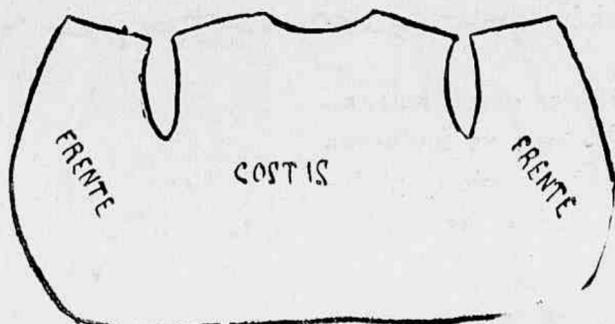
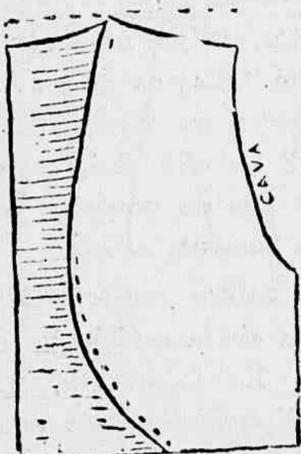
marchação dobre novamente sobre a largura. Sobre o comprimento marque a altura do bolero que deve ser mais curto do que uma blusa. Em cima, sobre a largura marque o pescoco e o ombro, sempre acompanhando a figura. Descendo, marque a cava e a sua metade. No ombro, como de outras vezes, os 2 centímetros devem ser compensados em baixo, na cava, marque em seguida a metade do busto e a metade da distância que vai desse ponto ao ombro. Tudo obedecendo as medidas que ensinamos em nossa primeira aula.

Partindo do ombro, começa o talhe que vai dar o recorte arredondado do bolero.

Executando a nossa lição, as amigas poderão dar mais um passo para realizar adiante, qualquer modelo de seu vestuário.

Estaremos à disposição de todos para solucionar qualquer dúvida. Escrevam sempre para a nossa relação.

Bolero



Vestidos bonitos para esta meia estação...
O verão não quer chegar...



Dra. Berta Lutz, em East Park, no Estado do Colorado, Estados Unidos, quando recebia, em nome das mulheres americanas, um diploma e um prêmio pela sua atuação na ONU, e pela inclusão dos direitos da mulher, no Preâmbulo, da Carta das Nações.

AS MULHERES DISCUTEM SEUS PROBLEMAS

Fomos procurar a dra. Bertha Lutz, na sede da "Federação Brasileira pelo Progresso Feminino", e ainda pegamos o final da reunião da Diretoria, que discutia a organização de uma "Mesa Redonda" patrocinada pela Federação.

Enquanto d. Beatriz Pontes de Miranda saía em companhia de outra das diretoras, para marcar horários e local das reuniões da "mesa redonda", ficavam na sala a dra. Bertha Lutz, a sra. Clotilde Melo Viana e a sra. Lina Alevato.

A dra. Bertha atendeu-nos amavelmente e ao saber que éramos reporter do MOMENTO FEMININO, falou-nos a respeito do jornal e acrescentou:

— Devemos ajudar esse jornal. Afinal é um jornal de mulheres e uma iniciativa como esta não pode morrer. Todas as organizações femininas devem apoiar o MOMENTO FEMININO.

Perguntamos então à ilustre senhora, o que havia deliberado a Federação sobre a Mesa Redonda.

— Bem, a Federação, de acordo com os seus Estatutos, deve fazer uma Convenção feminina de 2 em 2 anos. Assim é que, para podermos organizar a nossa Convenção em 1948, resolvemos, atendendo a sugestão de d. Beatriz Pontes de Miranda, vice-presidente da Federação, organizar ainda este mês, uma Mesa Redonda para conhecer a opinião de todas as mulheres. Para esta Mesa Redonda, cujas re-

uniões serão realizadas nos dias 26, 27 e 28 na Sala do Conselho, na Associação Brasileira de Imprensa, serão convidadas delegadas de todas as organizações femininas cuja diretoria e corpo social sejam formados exclusivamente de mulheres.

— Preliminarmente, preparamos um temário que será mais ou menos o seguinte:

- 1 — O problema da mulher em face da justiça.
- 2 — Emancipação da mulher.
- 3 — Participação mais ativa da mulher na vida política.

A dra. Bertha Lutz, uma das primeiras feministas do Brasil, encara os 3 pontos do temário, essenciais para o problema feminino. No que se refere à justiça diz a Presidente da Federação que a mulher no terreno do Código civil, está em posição inferior ao homem. Basta lembrar a questão do pátrio-poder. Num caso de desquite, se a mulher se casar outra vez, perde o pátrio-poder em relação aos filhos. Ao passo que, em se tratando dos homens isso não acontece.

— Existem ainda outras injustiças, que devem ser eliminadas. Quanto a emancipação da mulher, precisamos mudar os velhos moldes de só permitir o desenvolvimento do homem. A mulher precisa de melhores condições para se desenvolver. É preciso que a mulher seja um elemento ativo, completo e capaz de cuidar da sua subsistência e dos seus. Quanto ao terceiro ponto, é preciso que a mulher tenha maior participação na vida pública e política dos povos. Na verdade, no Brasil, as mulheres tem direito de voto. Mas o que adianta? Não existe uma Liga Feminina. As mulheres não estão organizadas, votam sentimentalmente neste ou naquele candidato, sem tomar em consideração os programas e as idéias. A mulher precisa participar mais ativamente na vida política. Em todos os países do mundo temos poucas mulheres em cargos públicos, de responsabilidade. E quando chegam ao posto de Ministros, ou cargos de governo, são vivamente criticadas pelos homens.

Até mesmo no que refere ao salário e direitos, a mulher brasileira ainda está longe de se equiparar ao homem. No Itamaraty, por exemplo, para a carreira diplomática, não aceitam mulheres. O Banco do Brasil, para os cargos de responsabilidade também pretere o elemento feminino.

A sra. Clotilde Melo Viana confirmou as opiniões da dra. Bertha e disse que as mulheres precisam se organizar. Só mesmo unidas poderão conquistar os seus direitos e se tornar fortes.

A dra. Bertha Lutz, citou então uma líder feminina sueca que declarou que as mulheres organizadas em seu país, acabaram com o câmbio negro. Decidiram não comprar nada que estivesse fora da tabela. E de tal modo foi cumprida essa diretiva que os exploradores tiveram que ceder.

E é interessante aqui, transcrever uma anedota que a dra. Bertha Lutz nos contou sobre a opinião dos homens e os seus direitos.

"Conta o velho Theodore Roosevelt, em sua biografia que, certa vez, quando menino de 8 anos, seu pai teve que fazer uma viagem e entregou-lhe a responsabilidade de zelar pela mãe. À noite, na hora da reza, o menino pediu a Deus que protegesse seu pai em viagem e acrescentou... "Quanto à minha mãe não precisa tomar conta, Senhor, porque eu tomo".

A sra. Lina Alevato, também presente a essa entrevista, concordou com as opiniões da dra. Bertha Lutz, e mostrou a necessidade desta Mesa Redonda que virá esclarecer a muitas mulheres. A sra. Lina é presidente do Clube Soroptimista do Rio de Janeiro, organização feminina nos moldes do Rotary Clube. A esta Associação só podem pertencer mulheres que se sustentem,



Dra. Berta Lutz, nos Estados Unidos, distribuindo autógrafos por ocasião de sua atuação na ONU.

e uma só de cada profissão. E antes que se retirasse prometeu que nos daria uma entrevista para o MOMENTO FEMININO, dentro de pouco tempo.

Antes de terminar a entrevista, a dra. Bertha Lutz, manifestou ainda a sua opinião sobre a Mesa Redonda, que terá a participação de todas as organizações femininas do Rio, e poderá ser assistida por quem o desejar. Todas as mulheres de todos os pontos do Rio, de todas as profissões, poderão assistir aos debates e participar nas resoluções. O temário deverá ser discutido por todas as representantes, poderá ser ampliado, e modificado de acordo com o plenário.

Em cada bairro ou local de trabalho as mulheres deverão se interessar pela Mesa Redonda, que, dará lugar, mais tarde à Convenção feminina do Rio de Janeiro, com a participação de todas as mulheres.

— Para terminar diga as suas leitoras que estamos a disposição de todas as interessadas, as terças-feiras, aqui na sede a rua Evaristo da Veiga, 47-A, sala 403. Queremos a participação de todas. Só a elite das mulheres intelectuais não adianta. As mulheres do povo devem participar também. Devemos descer aos bairros e aos locais do trabalho.

Confiamos no sucesso desta Mesa Redonda de mulheres. Temos certeza de que nos dias 26, 27 e 28, das 4 e meia em diante, as mulheres estarão, na Sede da A.B.I. para discutir os seus problemas.



A Função Da Escola Primária Na Atualidade

A escola primária arca, atualmente, com uma responsabilidade tremenda.

Não são poucos os seus problemas. Dentro da sociedade, ela representa uma estrutura fundamental na formação da criança e na sua capitalização para a própria sociedade.

Até uma certa idade é a criança educada exclusivamente no lar, passando, depois, a completar sua estruturação básica na escola.

Deve, pois, a escola estar apta a receber a criança para ministrá-la tudo o que ela necessita nessa fase, completando ou compensando o que ela recebe ou o que lhe falta no lar. Atravessamos uma época difícil, sob todos os aspectos. A carestia da vida e a situação de miserabilidade do povo brasileiro são uma realidade alarmante, porém indiscutível, cujas causas se situam desde os desastrosos efeitos da última guerra até a inépcia administrativa atual. De qualquer modo, o fato concreto aí está: o povo brasileiro sofre uma decadência física, visível a olho nu patente na frieza dos computadores estatísticos.

Urge, pois, fazer algo que detenha ou pelo menos atenuie essa marcha a ré no desenvolvimento social. Nesse quadro desconsolador o que mais impressiona é, indiscutivelmente, a infância.

A situação física e moral da infância é um atestado vivo das condições econômico-sociais de uma nação.

Nossa infância é contrastadora. Pequeno é o número de crianças pertencentes a famílias abastadas que vivem em condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento físico, moral e intelectual. A grande maioria habita as favelas infectas, mais sórdidas e mais insalubres que uma taba indígena, ou pertence às classes médias cujo nível de vida decresce dia a dia, em face das contradições econômicas que assistimos.

São crianças sífilíticas, pré-tuberculosas, anêmicas, raras de verminosas, e sobretudo terrivelmente subnutridas. Falta-lhes alimento, ambiente saudável, recreação.

Esse é o acervo humano que a escola primária tem por dever abrigar.

Cria-se, então, uma situação contraditória para o professor, elemento de ligação entre a criança e a sociedade. Imprescindível, de um lado, pelas injunções

de extensos programas a cumprir e de algumas exigências protocolares absurdas, e de outro, pelo baixo coeficiente de receptividade da criança, pelas razões apontadas fica o professor inibido de realizar sua tarefa de maneira integral. Entretanto, ninguém melhor do que ele sente a inoperância desse sistema que hipertrofia o didatismo em detrimento da formação moral e social da criança.

Em face da situação de miserabilidade de nosso povo, a escola primária já não pode ser somente um local de ensino primário. Ela deve e pode ser uma organização eventual de salvação de nossa infância, até que o governo esteja em condições de criar órgãos específicos de assistência salutar e efetiva a essa infância.

Na situação atual, a escola primária deve ser, verdadeiramente, uma casa de assistência social, amparando, na medida do possível a criança menos favorecida, ministrando-lhe alimento, roupa, calçado material escolar, assistência médica, paralelamente a uma instrução elementar mínima indispensável.

Da parte do professorado primário, essa laboriosa e abnegada classe de forjadores da nacionalidade, existe o máximo de boa vontade e esforço consciente, evidenciados na prática, pelas dificuldades e sacrifícios com que cumpre sua nobre missão.

Cabe, pois, aos poderes públicos criar condições para que essa grandiosa tarefa seja levada a efeito, de maneira eficiente em prol da grandeza de nossa pátria.

TEATRO MUNICIPAL DULCINA

APRESENTA O "TEATRO DE ARTE DO RIO DE JANEIRO"

"Já é Manhã No Mar"

3 ATOS (6 QUADROS) DE

MARIA JACINTHA

"É um belo aprendizado — a Vida. Tanto mais belo quanto mais sofrido, mas tanto mais sábio quanto mais longamente vivido".

Preços populares em todos os espetáculos e preços reduzidos nas vesperais de quinta-feira

MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração: RUA DO LAVRADIO, 55, Sala 14 — Cx. Postal, 2013 Rio de Janeiro

Número Avulso . . . Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00



Vitral da Catedral de Petrópolis

EXODO

Isaura Coêlho

Quero me referir a uma paragem baiana, na região diamantífera, da qual já foram extraídos belos diamantes e grande quantidade de carbonados ou carbonatos, como são mais conhecidos.

Lavras Diamantinas é como se denomina uma zona formada por seis municípios, cujas sedes são cidades que já atingiram um certo desenvolvimento, possuindo muitas ruas pavimentadas, arborizadas e quase todas com luz elétrica. Seus habitantes conhecem todas as descobertas da civilização e suas residências dispõem de todo conforto moderno. Isto se passa, naturalmente, com os principais, os mais afortunados, os felizardos que souberam tirar da terra boas reservas, nos melhores períodos.

Quando ao povo, à massa, os trabalhadores, enfim, vêm sofrendo horrivelmente.

É conhecido que os garimpeiros em qualquer época, têm uma vida muito irregular; porque, mesmo aqueles que gozam o privilégio de encontrar valiosas gemas nas suas batéas, que "bamburram", segundo a sua linguagem, não têm o bom senso de economizar, não pensam, absolutamente, no futuro. Ficam loucos de alegria quando conseguem alguma quantia mais avultada. Comem e bebem à fartura, fazem toda a sorte de extravagâncias e, dias depois, completamente desoladas, voltam ao árduo trabalho da picareta, da pá e da moereta.

Nos bons tempos, quando a "quebradeira" não é geral, os

garimpeiros encontram sempre quem os mantenha na sua tarefa aventureira.

São os "mela-praças", segundo a gíria. Quando pegam alguma pedra pagam a parte que cabe ao dono do garimpo ou latifundiário, parte que chamam de "quinto". E o resto é dividido pelos dois.

Outros trabalham por conta dos proprietários dos garimpos. Ainda outros não possuem alguma renda e estes são poucos, trabalham por conta própria.

Nos duros tempos de intensa crise, como a que atravessamos, que até nas grandes cidades e mesmo aqui no Distrito Federal, os moradores estão sofrendo tanto, podemos avaliar o que padecem os nossos patrícios por esses longínquos rincões brasileiros.

Bem informada do que acontece em um desses municípios, sei que a história se repete nos demais. O comércio local em franca decadência, as raras e pequenas indústrias têm que se transferir sob pena de desaparecer, nada influido a habilitação ou o dinamismo dos seus empreendedores. De um lado as dificuldades que sempre existiram, de matérias primas, transporte, etc., agravadas pela crise atual. De outro as existências do fisco que tendem sempre a aumentar.

Dei o êxodo que se verifica. Homens de várias idades, alguns com família, deixam atrás de si as terras e as "frutas" onde pastaram os seus melhores dias e vão em

busca de outros lugares de mineração, existentes noutros Estados.

Essa resolução prova que os nossos catócos, a nossa gente rústica não é indolente, como alguns querem impingir.

O que sempre existiu e existe ainda é o descaso dos dirigentes pelo povo, momentaneamente, no interior do país.

Por isso, vemos homens que, apesar de mal alimentados e mal tratados, analfabetos ou semi-analfabetos, enfrentam um mister arriscado e exaustivo e arrojam-se a longas viagens, a perigosas caminhadas, por vezes sem destino certo, na esperança de alcançar, não a riqueza, porque já se desiludiram; mas, um meio de conservar a existência.

Não sabem exercer outras profissões, são quase inutilizados. Onde vivem além de não haver escolas profissionais, não existem outras fontes de trabalho, outros setores onde possam desenvolver as suas atividades. Os governantes nada fazem para incentivar e impulsionar as iniciativas particulares. Tudo fracassa.

Compete a nós, os interessados pela sorte de todos os compatriotas, divulgar as suas desditas, clamar incessantemente, até que os detentores do poder cheguem a se lembrar que devem fazer alguma coisa em seu benefício.

É provável que o nosso esforço não seja vão e seja satisfeito o nosso justo anseio — a felicidade de todos os que vivem sob o mesmo céu sereno e azul tão decantado pelos nossos poetas de todos os tempos.

COISAS DA GRAMÁTICA

CONCORDANCIA DO VERBO COM O SUJEITO

Rediu-nos a leitora Nair, em amável cartinha, algumas explicações sobre a concordância do Verbo com o Sujeito.

Dedicamos, assim, nossa coluna de hoje a esse ponto de gramática, pedindo desculpas aos leitores pela aparente desordem de nossas aulas que não seguem, como deveriam, o necessário método. Iniciamos esta seção com algumas noções sobre a colocação do Pronome Atono Oblíquo, que interrompemos para atender a um pedido de esclarecimento sobre o uso correto da Crase. A fim de satisfazer à solicitação de Nair — sua cartinha foi verdadeiramente irresistível — não terminaremos, ainda hoje, o ponto iniciado em números anteriores, prometendo, entretanto, que a ele voltaremos na próxima semana.

QUANDO HA UM SÓ SUJEITO

Havendo um único sujeito, o verbo de predicção concorda em número e pessoa com o sujeito.

- Antonio terminou o curso primário
- Não irei! — assegurou Maria
- As crianças já chegaram
- Vós o dissesdes, etc...

QUANDO HA MAIS DE UM SUJEITO

Havendo mais de um sujeito, devemos distinguir dois casos: 1.º caso: quando os sujeitos vêm antes do verbo. — 2.º caso: quando os sujeitos vêm depois do verbo.

1.º Caso:

Os sujeitos estão antes do verbo.
O verbo vai:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figura um da primeira pessoa: Ex: "... tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, e fomos ser castigados" (Machado de Assis).

b) pra a 2.ª pessoa do plural se, não havendo sujeito da primeira pessoa, existe um da 2.ª pessoa: Ex.: "Ele e tu deveis partir quanto antes".

Exceção: — Se os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*, o verbo pode concordar com o último sujeito, isto é, com o que lhe fica mais próximo.

Ex.: — Nem eu, nem tu, nem Pedro, nem ninguém irei hoje ao cinema.

Ex.: — Nem eu, nem tu, nem Pedro, nem os meninos saído (ou saírem, que é preferível) hoje

c) para a 3.ª pessoa do plural, ou do número do último sujeito isto é, do que lhe fica mais próximo, quando os sujeitos são da 3.ª pessoa. Ex: A beleza das feições, a elegância do porte não tinham rivais.

Ou: Ex.: Queixas, lamentos, gritos, tropel era o que se ouvia.

NOTA: — Quando os sujeitos da 3.ª pessoa vêm antes do verbo, é preferível o uso do plural (de acordo com o primeiro exemplo).

2.º Caso:

Quando os sujeitos estão depois do verbo, o verbo vai:

a) para a 1.ª pessoa do plural, quando há um sujeito da 1.ª pessoa: Ex: Fizemos o trabalho, Maria e eu.

b) para a 2.ª pessoa do plural, quando há um sujeito da 2.ª pessoa e nenhum da 1.ª. Ex: Confessai a verdade tu e ele.

c) para a 3.ª pessoa do plural, quando os sujeitos são todos da 3.ª pessoa. Ex: Prendem-me a este país as recordações da infância, a hospitalidade de seu povo e o amor que lhe tenho.

Mas, em qualquer desses casos, o verbo pode concordar em pessoa e número com o sujeito mais próximo.

Ex.: — "Qualquer que fosse a raça, o culto ou a língua" (Machado de Assis).

Ex.: — Sou eu quem diz e tu e todo mundo.

Ex.: — És tu quem diz, e ela, e todo mundo.

NOTA: — Quando um sujeito composto é resumido por tudo, todo e todos, toda e todas, nada cada qual, cada um, cada uma, o verbo concorda com tais pronomes.

Exs.: — Pedidos, súplicas, ordens, tudo foi em vão. Pedidos, súplicas, ordens, nada adiantou.

Homens, mulheres e crianças, cada um cuidava de si.

Quando o predicado é o verbo *ser* e o sujeito um dos pronomes isto isso, aquilo, tudo, e o verbo vem acompanhado de um predicativo constituido por um substantivo no plural, o verbo concorda, geralmente, com o predicativo e não com o sujeito.

Exs.: — Nem tudo são flores. — Aquilo são favas contadas. — Isto são invenções e mentiras.

MEDICINA E SAUDE

Coqueluche (Tosse Convulsa, Tosse Brava)

DRA. ELINE MOCHEL DE MATOS

Está aparecendo coqueluche em grande escala, principalmente nos subúrbios. As mães se preocupam ante a perspectiva de seus filhos aparecerem com ela visto ser aquela entre as "doenças da primeira infância", a que mais maltrata as crianças, sobretudo as de pouca idade. Daí acharmos interessante aqui, dizermos alguma coisa sobre a coqueluche, para que as nossas leitoras que ainda não conhecem certos detalhes da doença e possam se orientar, no caso de seus garotos aparecerem com a infecção.

A coqueluche é altamente contagiosa, isto é, pega com uma facilidade espantosa. Seu modo de transmissão como também sua causa, ainda são motivos de discussão nos meios científicos. Aparece nas crianças entre 2 a 10 anos, é rara nos adultos e velhos e nos recém-nascidos.

Como reconhecer a coqueluche em seu filho? Se você sabe que vários casos de coqueluche foram registrados, no seu bairro ou na sua rua, e de repente seu filho começa a tossir de forma impertinente e convulsiva sem que os remédios usuais deem resultados, então você deve desconfiar e observar o desenvolvimento dos acessos. Em caso positivo você vai observar que durante uns 15 dias dura essa forma de tosse, pertinzax exigindo do doentinho, durante os acessos, um grande esforço, de tal forma que o rosto fica congestionado, muito vermelho e as veias do pescoço bem salientes. Muitas vezes nessas acessos de tosse sobrem o vomito, principalmente depois das refeições. Isto enfraquece muito a criança.

Depois do acesso o doente expete uma "gosma" que nas crianças muito pequenas é preciso retirar da boca.

Depois desses 15 dias entra a coqueluche numa nova fase, em que a tosse toma um aspecto caracterizado pelo "guincho". Aqui os acessos de tosse são quintosos, surgem de súbito, após o choro ou um abalo qualquer. A tosse é de forma ruidosa; o doentinho projeta a língua para fóra com violência, faz uma força terrível a ponto de ficar com o rosto muito vermelho, os olhos cheios d'agua, respira com dificuldade.

O aspecto da criança é tal que se tem a impressão de que vai ficar asfixiada ou sufocada. Então ela respira lentamente com sonoridade especial e a este ruído é que se dá o nome de "guincho". Diz-se vulgarmente que a criança tomou "fôlego". Novos acessos, novos "guinchos" até a expul-

são de uma secreção com aspecto de "baba".

São os acessos, pelo esforço que exigem do doente que o maltratam horrivelmente. Depois de cada um deles a criança fica exausta e às vezes prostrada. Há crianças que quando sentem o acesso correm para perto dos pais como que procurando se proteger. As mães crescem das queixas de dor no ventre e no peito e durante os acessos procuram segurar a barriga.

Entretanto, a intensidade dos acessos é variável. Há casos fracos e há casos fortes.

Na coqueluche não há febre. Quando esta aparece estamos em face de alguma complicação. Destas, a mais grave é a broncopneumonia. Neste caso não só a temperatura se eleva como surgem outros sintomas que caracterizam o seu quadro. São: a falta de ar, as manchas do rosto coradas, o pulso rápido e os batimentos das asas do nariz. O tratamento urgente se impõe. Os envoltórios de mostarda ou colletes de antifoligstine ou anti-infecciosos, os tónicos cardíacos etc. Não se deve deixar que o processo evolua por si mesmo, principalmente em crianças muito pequenas, de pouca idade pois é uma complicação séria que pode ter graves consequências.

A coqueluche dura em média 2 a 3 meses. Os acessos vão diminuindo em número e intensidade, o "guincho" vai desaparecendo como também os vomitos. Aos poucos a criança vai se alimentando melhor.

Há uma concepção que inclui a coqueluche no grupo daquelas doenças que se curam com médico, sem médico ou apesar do médico. Não desmentimos. Achamos, apenas, que isto não deve ser tomado muito ao pé da letra. É claro que nas formas atenuadas tudo corre bem. Mas nos casos mais exaltados, nas crianças de pouca idade, de pouca resistência, é preciso ter bastante cuidado, não por causa da coqueluche em si mas devido suas complicações, pois é sabido que a coqueluche deixa o aparelho respiratório hipersensível.

Quando ao tratamento, ainda é a vacinação a mais usada. Naturalmente devem ser feitos os calmantes de tosse e do sistema nervoso.

O quarto do doente deve ser arejado, alimentação sadia e feita evitando, porém, que a criança come muito para não provocar a tosse e o vomito. Em casos de complicações, atende-se a elas com a medicação correspondente.

Atualmente usa-se muito voar com as crianças doentes. Isto tem dado bons resultados. As vezes no 2º ou 3º vão os acessos desaparecem. Entretanto, há casos rebeldes que não cedem nem mesmo com vários vôos. Mas este tratamento não é acessível à bolsa do povo. Aconselhamos, como similar, os passeios pela manhã muito cedo nos lugares bem arejados, altos como: Alto da Boa Vista, Alto da Tijuca, passeio de Barcas, etc.

Sempre melhora um pouco. Restabelecida a saúde da criança é preciso alimentá-la bem e sempre ter cuidado com os resfriados e as bronquites.

Atividades Femininas



PALESTRA DA DRA. BERTHA LUTZ

As três Unões Femininas que se reúnem à rua Marquês de Abrantes, 144 (sede da Instituição Carlos Chagas) — a União Feminina do Flamengo, Catete e Glória, a União Feminina de Laranjeiras e a União Feminina de Botafogo

— vão comemorar a data da Proclamação da República com uma grande assembleia conjunta, durante a qual a dra. Bertha Lutz, especialmente convidada por aquelas entidades, dissertará sobre "A mulher e a política".

Presidirá tão importante acontecimento, especialmente convidada, outra mulher não menos tradicional na luta das organizações femininas, dona Alice Tibiriçá, presidente do Instituto Feminino do Serviço Construtivo.

Para ouvir a palavra da presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, grande lider feminina e renomado vulto da cultura brasileira, as promotoras do oportuno ato estão convidando as organizações femininas do Distrito Federal e, por nosso

intermédio, convidam as mulheres em geral.

A palestra da dra. Bertha Lutz se realizará sábado, dia 15, às 20 horas, à rua Marquês de Abrantes, 144.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

As Unões Femininas do Morro do Pinto, do Santo Cristo, e a Associação Cívico-Popular de Santo Cristo, vão em conjunto, instalar um posto médico para assistir os moradores de todo o bairro.

A festa da inauguração terá lugar amanhã, sábado, na rua da América nº 211, sendo que o serviço médico funcionará no nº 65 da mesma rua.

Falará na solenidade o professor dr. Francisco de Sá Pires Professor da Faculdade de Medicina, que será secundado pelos médicos que vão prestar os seus serviços profissionais para os moradores do bairro.

Pedem, por nosso intermédio, o comparecimento das Unões Femininas, dos interessados, dos amigos e dos médicos que tanto impulsionam o acontecimento auspicioso.

DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 1ª DE MAIO, 23 — 18.º ANDAR

Salas 1804/6

Fone: 32-5648

GRAFOLOGIA

L. FROIS — Sem dúvida que sua dinâmica é extraordinária. O senhor, é, realmente, um irrequieto batalhador. Trabalhando, imaginando, amando, projetando, seus pensamentos são tumultuários e agilísimos. Muitas vezes muda de rumo, influenciado por sugestões mais ou menos fortes, mas em qualquer sentido e sempre um impetuoso. Inteligência possante, mal aproveitada. Sinceridade, Lealdade e otimismo, embora se ressinta por vezes de efeitos nocivos que atuam sobre seu sistema nervoso.

LUNA — Você é simplesmente uma encantadora sentimental, romântica e sonhadora como uma ingénua a 1830... Mas, seus sonhos e ilusões não colidem com o espírito prático que a norteia na vida. É ativa e diligente. Esforçada e realizadora. Muito curiosa do ponto de vista intelectual, não despreza, todavia, as coisas boas da vida, os prazeres humanos, os divertimentos, sabendo tirar deles, sempre, lições proveitosas. Clumenta e desconfiada, raramente encontra a paz de espírito...

LEDA — Muito obrigada pelas amáveis referências a esta secção. Tenho muito prazer em fazer o seu retrato grafológico: — você apresenta sinais característicos de sofrimento, de lutas íntimas que a atormentam, sem conseguir enfraquecer a sua fibra de lutadora. Parece que suas ilusões têm sido todas despedaçadas e sua confiança na felicidade vai pouco a pouco

GILDA

agonizando. Sua educação burguesa terá concorrido para esse estado, de espírito, pelo prisma através do qual você encara a vida e suas consequências. Mas há, em você mesma, um grande potencial de energia moral que precisa ser explorada. Imponha sempre essa vigorosa personalidade que tem muitas belezas ocultas, em inteligência, lealdade, realização, método e ternura... Sobretudo, seja mais discreta. Não desnude sua alma diante de olhos profanos...

NENA — Serenidade, perfeito auto-controle. Clarividência e tenacidade. Grandes ambições intelectuais, prejudicadas por uma espécie de timidez submissa a orientação de outrem. Seus pensamentos, não obstante sua efervescente atividade são claros e serenos. Nunca aceita julgamentos prontos. Analiza de

per si os fatos e as coisas, para depois ajudar. Transparece nestas palavras a contradição marcante de sua personalidade: — absoluta independência para emitir conceitos ou juízos e submissão à influências exteriores nos seus projetos próprios. Espécie de conflito que só você pode dizer se existe realmente. Grande afetividade dominando — totalmente — todas as suas faculdades. Fidelidade. Calma aparente. Nervosismo recalcado. Sofre de insônia?

LADY VANDERMEER — Desorganização intelectual. Nervosismo. Ansiedade. Ironia. Confusão de idéias e sentimentos. Você não sabe nem o que prefere nem o que ama. Sabe apenas que precisa em certos momentos, de amar ou preferir alguma coisa... Sem estabilidade, nem raízes.

MYRTES DE FREITAS —

Suzanna Martins

Britto

CIRURGIA-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I - N.º 23

Fone: 22-5386

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

TEATRO

"JÁ É MANHÃ NO MAR"

Uma nova estréia de Maria Jacintha, agora em uma organização de finalidades artísticas e de caráter essencialmente idealista. E é em verdade, que juntas, essas duas mulheres notáveis na vida do teatro brasileiro. uma como atriz, outra, como autora, muito poderão realizar desse sonho de alguns anos, tomando forma e substância nos dias que atravessamos. Já foi uma grande vitória dessas duas mulheres a conquista do Municipal e um repertório digno do programa que se impuseram — fazer teatro, bom teatro, escola de teatro.

Assistimos a primeira de "Já é manhã no mar". Maria Jacintha, autora de tantas peças já consagradas pelo nosso público. Comparece agora com um gênero diferente na hora, no

tempo e no espaço. A peça é uma nova Salomé universalizada, como sempre o foi — sem que isso ficasse assinalado. Uma Salomé, sem nome, sem data, sem idade e sem lugar, interpretada por uma mulher (a autora) que acredita na redenção de seus semelhantes. Que encontra os pecadores contra a beleza e a pureza do seu ideal humano. Não os repudia, ao contrário, procura levá-los pelo debate das idéias ao caminho da alvorada que encontrou.

Dulcina, numa fala quase apostólica, realiza de forma comvente os desígnios da autora.

A peça transcorre toda em um nível de elevação, digno da inteligência de Maria Jacintha: a apreciação relativa do espetáculo será objeto de nosso próximo artigo.

RECITAIS DE CANTO

Ester Melli

Dia 16 de novembro corrente, às 16.30, realiza-se no Conservatório de Música, Salão Leopoldo Miguez, a audição de alunos. Entre os números de canto salientase Ester Melli, nossa amiga, que interpretará Francisco Braga (Catita) e Macagni (Voi lo sapeto, da Caval. Rusticana).

Ester Melli é aluna da professora Alda Pereira Pinto.

Olga Maria Schroetes

Acompanhada ao piano por Alceu Bocchino, nossa amiga Olga Maria realiza dia 17, segunda-feira, um recital de canto (Seriê Intercambio Cultural), promovido pelo Departamento Cultural da Associação Brasileira de Imprensa, no Salão Oscar Guanabarro.

Para essa festa, que será às 21 horas, estão convidadas todas as amigas de nosso jornal que são, também, amigas de Olga Maria.



JAMIL KARAN



Jamil Karan a pianista de tantos sucessos, partiu dia 10 do corrente, para a França. Acompanhará na os nossos votos de boa viagem.

Dr. JOELSON AMADO

CLÍNICA DE CRIANÇAS

— FISIOTERAPIA —

PRAÇA SANS PENA, 31

1.º andar

Telefone 48-3546

Diariamente das 14 às 18 horas

NOVO FILME PARA PEGGY CUMMINGS

Depois de terminar "Rosas Trágicas", com Victor Mature, Ethel Barrymore e Vincent Price, a linda Peggy Cummings foi posta no elenco de "Green Grass of Wyoming", uma história de Mary O'Hara, autora de "Minha Amiga Flicka" e "Fúria Selvagem, que também está sendo filmada em Technicolor. Os astros do "cast" são Charles Coburn, Lloyd Nolan, Robert Arthur, Geraldine Wall e Burl Ives e Louis King é o diretor.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

WILSON LOPES DOS SANTOS

ADVOGADO

DIREITOS DE FAMILIAS — SUCESSOES

De 10 às 12 e de 16 às 18 hs.
R. Senador Dantas, 35-2.º and.
Tel: 42-1528

CINEMA



FOGUEIRA DE PAIXÕES

Essa grande e querida Joan Crawford realiza, nesse filme mais um dos seus grandes trabalhos artísticos. A cena inicial, aquela mulher que anda e cujo bates dos saltos de sapatos no meio-fio é a única demonstração de ser vivo, aquela mulher que pergunta ao chauffeur de ônibus, ao homem que sai da igreja, que pergunta a todos, por David, é uma das coisas mais belas que temos visto em cinema. Ela nunca tivera nada: nem carinho, nem amor, e quando o encontra apegando-se de tal maneira, quer de uma forma tão intensa e profunda que não compreende mais a vida fora dele. Tudo em torno dela vai levá-la à loucura. Ela sabe, ela sente, ela conhece o mal e faz tudo, para dele fugir. Mas o morte de Paulina, o abandono de David, a vida toda vai arrastando-a às psicoses que se sucedem, aos delírios de interpretação, à mania de perseguição. Louise Howell (Joan Crawford) passa da razão à loucura, volta da loucura à razão sem mais sentir as possíveis fronteiras.

A música de Schumann, e os ruídos de seu coração tomam — formas violentas de obsessão. Grande, querida, enorme Joan Crawford.

"Fogueira de paixões" é um dos melhores filmes americanos destes últimos tempos. O "fim" para alegria do espectador e melhor sucesso da bilheteria não existe aqui. Aquela porta que se fecha escondendo uma pobre louca que vai um dia, ficar boa mas que terá nesse dia novos e mais trágicos problemas a encarar, é um fim. Os delírios de Louise, as suas grandes lutas íntimas, tudo nesse filme é arte, da melhor em cinema. O elenco é homogêneo; Van Heflin bom, muito bom Raymond Massey. Talvez haja um excesso de teoria psiquiatra, o que torna às vezes o filme um tanto pedante. Os médicos que conversam em termos técnicos junto ao corpo da mulher sem nome, é um pouco forçado. Explica-se no entretanto: o diretor quer que todos saibam e sintam aquele problema-doença.

Mas apesar desses pequeninos senões, nada consegue afetar o trabalho de Joan Crawford. Para os seus fans que só gostam de nela ver a beleza, o filme é definitivo, que linda mulher é aquela louca, sem maquillage, sem penteado, deitada, fria e morta, na cama do hospital.

Os psiquiatras talvez tenham objeções teóricas ao filme; nós somos apenas cineastas e declaramos: grande filme! grande Joan Crawford.

Por favor não deixem de vê-lo.

E. MORAIS.

DR. URANDOLO FONSECA

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

— LARANJEIRAS, 72 —

É PRECISO COMPREENDER...

NICÉ FIGUEIREDO

que há problemas que só serão resolvidos, se encarados de frente, com coragem, sem os subterfúgos que conseguiram mantê-los insolúveis até o presente.

É preciso compreender que assim acontece com os problemas — atinentes às relações entre homens e mulheres, fora e dentro do casamento, e que, portanto, devem ser abordados com a necessária honestidade e clareza.

É preciso compreender que assim se orienta esta coluna no esclarecimento que pretende trazer às leitoras sobre os direitos femininos e a lei que os garante ou os cerceia.

Terão de ser emitidos, e já foram antes concebidos que estão na mente de cada um de nós, escondidos, sem forças para vir à tona. Terão de ser afirmados princípios que contrariam os anteriormente estabelecidos e convenientemente conservados. Mas serão ditos. Porque, se cada um de nós, mantiver escondidos, ocultos ou velados os novos conceitos, os novos princípios, além de marcar um tanto favorável à hipocrisia, estará impedindo, voluntariamente a solução de problemas sérios como são os da constituição de uma família.

Não nos devemos deixar intimidar pelo temor das más interpretações, pois, ao lado da saudável "voz do povo" existe sempre a maledicência, fruto da incompreensão sistemática dos que nada querem ver ou ouvir, mas só falar.

Não devemos receiar sermos incompreendidas, porque, há sempre um terreno propício à semente lançada que germina logo que passa o primeiro contato com a terra dura e fria.

Poderíamos abordar as questões que vêm sendo tratadas nestas crônicas na linguagem açucarada dos que dizem as coisas para não serem entendidos. Mas não queremos apenas escrever, fazer artigos e sim esclarecer as leitoras sobre os problemas que lhe dizem respeito, sobre os direitos que já têm como mulher, mãe e esposa e, principalmente, sobre os direitos que devem ser conquistados.

Este objetivo justifica a franqueza das expressões e da linguagem que usamos animadas como estamos do desejo de ajudar a construir a família futura onde o amor e a solidariedade sempre de fato, seus alicerces.

CLINICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DABTE — Sala 1.025 — 32 7709

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

Hotel Granja Itatiaia

780 metros da alt. — Clima ótimo para repouso e week-end — Passeios aprazíveis, escalada às "Aguilhas Negras", 2.790 mts. de altitude

Informações:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32 — 2.º AND

TELEFONE: 23-4295

o insultou na passagem das Roletas, foi porque sentia despeito e tristeza por êle nunca mais lhe ter falado. Creio que, quando ella quis dançar com êle, foi porque estava louca por êle e esperava agradar-lhe pelo seu lindo modo de dançar. Creio que, quando ella chorava na pedreira do Chaumois, era de remorsos e arrependimento de lhe ter desagradado. Creio também que, quando êle a queria beijar e ella o recusava, quando êle lhe falava de amor e que ella lhe respondia em palavras de amizade, era pelo temor que tinha de perder aquêl amor, contentando-o depressa demais. Enfim, creio que, se ella vai embora partindo o coração, é pela esperança de voltar digna dêle no espirito de todo mundo, e de poder ser sua mulher, sem entristecer e sem humilhar sua família.

Dessa vez, Landry pensou que ia ficar completamente louco. Ria, gritava, chorava; e beijava Fadette nas mãos e no vestido; ter-lhe-ia beijado os pés, se ella o quisesse suportar; mas ella o levantou e lhe deu um verdadeiro beijo de amor que quase o fez morrer, porque era o primeiro beijo que jamais recebera de Fadette ou de qualquer outra. E, enquanto êle caia como que desmaiado à beira do caminho, ella apanhou a trouxa, muito vermelha e encabalada como estava, e fugiu proibindo-lhe que a seguisse e jurando que voltaria.

XXX

Landry submeteu-se e voltou para a vindima, muito surprehendido de não se sentir infeliz como tinha esperado, tão grande é a doçura de se saber amado e tão grande é a fé quando se ama profundamente. Estava tão espantado e satisfeito que não se pôde conter e confessou tudo a Cadet Caillaud, que se espantou por sua vez e admirou a pequena Fadette por ter sabido se defender tão bem de tôda fraqueza e de tôda imprudência, em todo êsse tempo em que amava Landry e era amada por êle.

— Estou contente de vêr — disse-lhe êle — que essa moça tem tantas qualidades, porque, de minha parte, nunca a julguei mal e posso mesmo dizer que, se ella me tivesse dado atenção, não me teria desagradado. Por causa daqueles olhos que ella tem, sempre a achei mais bonita do que feia, e, de uns tempos para cá, todo mundo poderia ver, se ella quizesse agradar, que estava ficando cada dia mais agradável. Mas ella só tinha amor por ti, e se contentava de não desagradar aos outros, não procurava outra aprovação senão a tua, Landry, e eu te asseguro que uma mulher com um caracter dêsses era justamente o que me convinha. Aliás, mesmo pequenina e criança como eu a conheci, sempre considerei que ella possuia um grande coração. Se fossem pedir a cada um que dissesse em consciência e em verdade o que pensa e o que sabe della, todos seriam obrigados a testemunhar em seu favor. Mas o mundo é assim feito! Quando duas ou três pessoas caem na pele de uma outra, todos se

metem, atiram-lhe a pedra e lhe fazem uma reputação má, sem mesmo saber porque, como se fosse um prazer esmagar quem não pode se defender.

Landry sentiu um grande alívio ao ouvir Cadet Caillaud raciocinar dessa maneira, e, desde esse dia, fez uma solida amizade com elle, e consolou-se um pouco de suas tristezas, confiando-as ao companheiro. E assim, disse-lhe um dia:

— Não penses mais nessa Madelon que não vale nada e que nos deu grandes aborrecimentos a ambos, meu bom Cadet. Tens pouca idade e nada te obriga a casar depressa. Ora, tenho uma kmãzinha, Nanette, que é bonita como os amores, bem educada, graciosa, meiga, e que vai para os dezesseis anos. Vai visitar-nos mais vezes; meu pai tem muita estima por ti, e, quando conheceres bem a nossa Nanette, verás que não pode haver melhor idéia do que a de ser meu cunhado.

— Pois olha, não digo que não, e se a menina não está comprometida com outro, irei à tua casa todos os domingos.

Na noite da partida de Françoise Fadet, Landry quis ir ver o pai para lhe dar a conhecer o honesto comportamento dessa rapariga tão injustamente julgada, e, ao mesmo tempo, para lhe apresentar, com tódas as reservas quanto ao futuro, sua submissão quanto ao presente. Sentiu o coração muito maguado ao passar diante da casa da mãe Fadet; mas encheu-se de grande coragem, convencendo-se de que, sem a partida de Fadette, não teria talvez sabido, durante muito tempo, da felicidade de ser amado por ella. E viu a mãe Fanchette, que era a parenta e a madrinha de Fadette, e que viera para cuidar da velha e do pequeno em sua ausência. Estava sentada em frente à porta, com o saltão nos joelhos. O pobre Jeanet chorava e não queria ir para a cama, porque a irmã ainda não tinha voltado, — dizia elle — e ella é quem o fazia rezar e quem o punha para dormir. A mãe Fanchette reconfortava-o da melhor maneira, e Landry ouvia com prazer que ella lhe falava com muita meiguice e carinho. Mas, assim que o saltão viu Landry passar, fugiu das mãos de Fanchette, correndo o risco de quebrar uma pata, e correu, atirando-se nas pernas do rapaz, beijando-o e interrogando-o e suplicando-lhe que lhe trouxesse a irmã de volta. Landry tomou-o nos braços, e, chorando com elle, consolou-o o melhor que pode. Quis dar-lhe um cacho de lindas uvas que levava num cestinho, mandado pela mãe Caillaud à mãe Barbeau, mas Jeanet, embora fosse geralmente muito guloso, não queria senão que Landry lhe promettesse ir buscar sua Fadette. Landry prometeu-o suspirando, para que o menino obedecesse a Fanchette.

O pai Barbeau não esperava a grande resolução da pequena Fadette. Ficou satisfeito; mas sentia como que um remorso pelo que

ela fizera, pois era, como estava provando, um homem justo e de bom coração.

— Sinto, Landry, que não tenhas a coragem de renunciar a esse namoro. Se tivesses agido de acôrdo com teu dever, não terias sido a causa da partida dela. Queira Deus que essa criança não tenha que sofrer em sua nova condição, e que sua ausência não prejudique a avó e o irmãozinho, porque, se há muita gente que fala mal dela, há também que a defende, e quem me tinha garantido que era muito boa e serviçal com a família. Se é falso o que me disseram, que ela está grávida, em breve o saberemos e havemos de defendê-la como é nosso dever; se, por desgraça, é verdade, e se fôres tu o culpado, Landry, nós a assistiremos e não a deixaremos cair na miséria. Que nunca te cases com ela, Landry, isso é tudo o que exijo de ti.

— Meu pai — disse Landry — julgamos o fato de maneira diferente, o senhor e eu. Se eu fosse culpado do que o senhor imagina, eu lhe pediria, ao contrário, sua permissão para me casar com ela. Mas como a pequena Fadette é tão inocente quanto minha irmã Nanette, não lhe peço, por enquanto, senão que me perdoe o desgosto que lhe causei. Falaremos dela mais tarde, assim como o senhor me prometeu.

O pai Barbeau se viu obrigado a aceitar essa condição e não insistiu mais. Era muito prudente para precipitar as coisas e se deu por contente com o que tinha obtido.

Desde esse momento, não se falou mais da pequena Fadette na Bessonière. Evitavam até mesmo de lhe dizer o nome, porque Landry ficava vermelho, e logo a seguir pálido assim que seu nome escapava a alguém diante d'ele, e era fácil vê-lo que não a tinha esquecido mais do que no primeiro dia.

XXXI

A princípio, Sylvinet sentiu um contentamento egoísta ao saber da partida de Fadette, e iludiu-se com a idéa de que de oravante o irmão, gêmeo só gostaria d'ele e não o deixaria por mais ninguém. Mas não foi assim. Sylvinet era, por certo, a pessoa de quem Landry mais gostava no mundo depois da pequena Fadette, mas não podia ter prazer em ficar longamente em sua companhia porque Sylvinet não queria perder sua aversão por Fadette. Assim que Landry tentava falar-lhe nela, e ganhá-lo para seus interesses, Sylvinet se maguava, censurava-o de se obstinar numa idéa tão repugnante para os pais e tão aflitiva para elle mesmo. Desde então, Landry não tornou a falar com elle a esse respeito, mas como não podia viver sem falar em Fadette, dividia seu tempo entre Cadet Caillaud e o pequeno Jeanet, que levava a passeio e a quem ensinava o catecismo, instruindo-o e consolando-o o quanto podia.

E quando o encontravam com o menino, teriam caçoado d'ele, se tivessem coragem. Mas, além de não permitir que o ridicularissem fosse no que fosse, sentia-se antes orgulhoso do que envergonhado de mostrar sua amizade pelo irmão de Fronçoise Fadet e era essa sua maneira de protestar contra o falatório daqueles que pretendiam que o pai Barbeau, em sua sabedoria, vencera com facilidade aquéle amor. Vendo que o irmão não se chegava a elle tanto quanto o desejaria, e achando-se reduzido a dirigir seus ciumes contra o pequeno Jeanet e Cadet Caillaud, vendo, por outro lado, que Nanette, sua irmã, que sempre o consolara e alegrara, então, por cuidados muito doces e atenções gentis, começava a se aprazer na companhia d'esse mesmo Cadet Caillaud, e que as duas famílias aprovavam satisfeitas essa inclinação; o pobre Sylvinet, cujo desejo era o de possuir só para si a amizade daqueles a quem amava, caiu num tédio mortal, numa singular languidez, e seu espirito se enfarruscou tanto que não sabiam o que fazer para contentá-lo. Não ria mais; não tinha gosto para nada, e de tal forma se consumia e enfraquecia que nem podia trabalhar. Afinal, começaram a temer por sua vida, pois a febre quase não o deixava mais, e quando subia mais um pouco, Sylvinet dizia coisas sem razão e que eram cruéis para o coração de seus pais. Pretendia não ser querido por ninguém, elle que sempre fôra festejado e animado mais que todos os outros na familia. Desejava a morte, dizendo que não prestava para nada, que o poupavam de pena de seu estado, mas que era um carga para os pais, e que a maior graça que Deus lhes poderia dar seria a de livrá-los d'ele.

As vezes, ouvindo essas palavras pouco cristãs, o pai Barbeau censurava-o com severidade, o que não dava bons resultados. Outras vezes, o pai Barbeau supplicava-o, chorando, de ser mais reconhecendo à sua amizade. Era ainda pior; Sylvinet chorava, arrependia-se, pedia perdão ao pai, à mãe, ao gêmeo, a toda a familia; e a febre vinha mais alta, depois que tinha expandido a ternura demasiada de seu coração doente.

Consultaram novamente os médicos. Não aconselharam grande coisa. Viram, pela sua expressão, que julgavam que todo o mal vinha daquele duplo nascimento, que devia matar um dos gêmeos, o mais fraco, naturalmente. Consultaram também a curandeira de Clavieres, a mulher mais sábia daquelas redondezas depois da Sargette, que tinha morrido, e da mãe Fadet, que começava a caducar. Essa mulher hábil respondeu à mãe Barbeau:

— Só uma coisa salvaria seu filho: se elle amasse as mulheres.

— E justamente elle não pode suportá-las — disse a mãe Barbeau — nunca se viu um rapaz tão ajuizado, e desde o momento em que o irmão gêmeo meteu o amor na cabeça, vive falando mal de todas as moças que conhecemos. Censura a todas porque uma d'ellas (e, infelizmente, não foi a melhor), lhe roubou, como elle pretende, o coração do irmão gêmeo.

— Pois bem! — disse a curandeira, que tinha grandes conhecimentos de tôdas as moléstias do corpo e do espirito — no dia em que amar uma mulher, seu filho Sylvinet há de amá-la com maior loucura do que o irmão sabe amar. Fique avisada desse fato. Há superabundância de afeto no coração desse rapaz, e, tendo-o deramado todo sobre o irmão gêmeo, veio quase a esquecer seu sexo, e, com isso, faltou à fé de Nosso Senhor, que quer que o homem ame uma mulher mais do que ao pai e à mãe, do que a irmãs e irmãs. Console-se, portanto; não é possível que a natureza não lhe fale em breve, por mais retardado que ele seja nesses assuntos. E quando ele amar uma mulher, seja ela pobre, ou feia, ou má, não hesitem em casá-la com ele, porque, segundo tudo indica, ele não há de amar a duas em sua vida. Seu coração é fiel demais para isso, e se é preciso um grande milagre da natureza para que ele se separe um pouco do irmão gêmeo, há de ser necessário um ainda maior para que ele venha a separar-se da pessoa que vier a preferir entre tôdas as demais.

A opinião da curandeira pareceu muito acertada ao pai Barbeau, que tratou de mandar Sylvinet às casas onde havia bonitas e boas raparigas casamenteiras. Mas, embora Sylvinet fosse um rapaz bonito e bem educado, seu ar indiferente e triste não alegrava o coração das moças. Não lhe davam a menor entrada, e ele, que era tão encabulado, de tanto as temer imaginava que as detestava.

O pai Caillaud, que era o grande amigo e um dos melhores conselheiros da família, deu outra opinião:

— Sempre lhe disse que a ausência era o melhor remédio — falou ele — vejam Landry! Estava louco pela pequena Fadette, e, no entanto, a pequena Fadette, partiu, e ele não perdeu nem a razão nem a saúde, e acho até que anda menos triste do que ficava muitas vezes. Já o tínhamos notado, e não sabíamos o motivo. Agora, fala de modo muito sensato e obediente. Aconteceria o mesmo a Sylvinet se, durante cinco ou seis meses, não tornasse a ver o irmão. Vou lhes dizer qual é o meio de separá-los de modo suave. As terras da Priche, que arrendei, vão muito bem, mas, em troca, meus próprios bens, que são as terras das bandas de Arton, vão cada vez pior, porque, há cerca de um ano, meu colono está doente e não consegue restabelecer-se. Não quero mandá-lo embora, porque é um verdadeiro homem de bem. Mas, se eu pudesse mandar-lhe um bom trabalhador para ajudá-lo, ele ficaria curado, pois só está doente de cansaço e de esforços excessivos. Se vocês consentirem, mandarei Landry passar em minhas terras o resto da estação. Nós o faremos partir sem dizer a Sylvinet que é por muito tempo. Ao contrário, diremos que é só por oito dias. E depois, passados os oito dias, falaremos em mais oito, e sempre assim, até que se tenha habituado. Sigam meu conselho, em vez de alimentar os caprichos de uma criança que vocês pouraram demais e que se tornou o senhor dentro de sua casa.

O pai Barbeau estava inclinado a seguir esse conselho, mas a mãe Barbeau ass stou-se. Temia que isso fosse para Sylvinet o golpe da morte. Foi preciso transigir com ela; pediu que fizessem primeiro a experiência de conservar Landry quinze dias em casa, para saber se o irmão, vendo-o a todos os momentos, não ficaria curado. Se ao contrário, piorasse, cederia à opinião do pai Caillaud.

Assim foi feito, Landry foi de boa vontade passar o tempo marcado na Bassonière onde chegou com o pretexto de que o pai precisava de auxílio para bater o resto do trigo. Sylvinet não podia trabalhar. Landry empregou todos os cuidados e toda a sua vontade em tornar o irmão contente com ele. Via-o a todo instante, deitava-se na mesma cama, tratava d'ele como se fosse uma criança. No primeiro dia, Sylvinet ficou muito contente, mas, no segundo, acusou Landry de se aborrecer em sua companhia e Landry não pôde tirar-lhe essa idéa da cabeça. No terceiro dia, Sylvinet ficou furioso porque o saltão foi visitar Landry e Landry não teve a coragem de mandá-lo embora. Afinal, no terminar a semana, foi preciso renunciar ao resto da experiência, porque Sylvinet se tornava cada vez mais injusto, exigente e ciumento da própria sombra. Então concordaram em executar a idéa do pai Caillaud, e embora não sentisse o menor desejo de ir para Arten, entre estrangeiros, éle que tanto amava sua terra, seu trabalho, sua família e seus patrões, Landry submeteu-se a tudo o que lhe aconselhavam a fazer em benefício do irmão.

XXXII

Dessa vez, Sylvinet só faltou morrer no primeiro dia, mas, no segundo, estava mais tranquillo e no terceiro já não tinha febre. Tomou-se primeiro de resignação, e de ânimo a seguir; e, no fim da primeira semana, reconheceu que a ausência do irmão era preferivel para éle, do que sua presença. Nos argumentos que o ciume lhe forneceu, encontrou um motivo de ficar quase satisfeito pela partida de Landry. Ao menos — pensava éle — no lugar para onde foi, e onde não conhece ninguém, não poderá travar de imediato novas amizades. Vai se aborrecer um pouco e pensar em mim, ter saudades minhas. E, quando voltar, há de me querer mais.

Havia já três meses que Landry estava fora, e quase um ano que a pequena Fadette deixara a região, quando foi chamada de repente porque a avó fôra atacada de paralisia. Tratou da velha com carinho e dedicação, mas a idade é a pior das doenças, e, ao fim de quinze dias, a mãe Fadette entregou a alma ao Criador sem o perceber. Três dias depois, tendo acompanhado ao cemitério o corpo da pobre velha, tendo arrumado a casa, despedido e deitado o irmão, e beijado a boa madrinha, que se retirara para dormir no outro quarto, a pequena Fadette estava tristo-

nhos diante do fogo, que quase não dava claridade, e ouvia cantar o grilo de sua chaminé. O grilo parecia dizer:

— Grilo, grilinho, grilo encantado.

Tódia Fadette tem o seu fado...

A chuva cala e repinica na vidraça, e Fadette pensava no namorado, quando bateram à porta, e uma voz lhe disse:

— Você está aí, Françoise Fadet? Não me reconhece?

Não perdeu tempo em ir abrir e grande foi sua alegria ao se deixar estreitar sobre o coração de seu amigo Landry. Landry tivera notícias da doença da avó e da volta de Fadette. Não pudera resistir ao desejo de vê-la, e chegava durante a noite para partir ao amanhecer. Passaram, portanto, a noite inteira conversando em frente ao fogo, muito sérios e ajuizados, pois a pequena Fadette lembrava a Landry que o leito onde a avó dera o último suspiro mal acabara de esfriar, e que não era o local nem o momento para se entregarem à felicidade. Mas apesar de suas boas resoluções, sentiram-se muito felizes de estar juntos e de ver que se amavam mais ainda do que jámais se tinham amado.

Como o dia vinha perto, Landry começou a perder coragem, e suplicou a Fadette que o escondesse na mansarda para que pudesse vê-la ainda na noite seguinte. Ela, como sempre, o chamou à razão. Fez-lhe compreender que já não estavam separados por muito tempo, porque resolvera não partir novamente.

— Tenho bons motivos que te explicarei mais tarde, e que não podem prejudicar a esperança que tenho em nosso casamento. Val terminar a tarefa que teu patrão te confiou, já que, conforme minha madrinha me contou, é aconselhável, para a cura de teu irmão, que ele não te veja durante algum tempo.

— Esta é a única razão que pode me obrigar a separar-me de ti — respondeu o rapaz — Meu pobre irmão gêmeo me tem dado desgostos, e tenho medo de que ainda me dê outros tantos. Tu, que és tão hábil, Fadette, e que sabes de tantas coisas, deverias procurar um meio para curá-lo.

— Não conheço outro meio senão o de convencê-lo com argumentos, pois é o espírito que torna doente o corpo de Sylvinet, e quem curasse o primeiro, teria curado o segundo. Mas ele tem tal aversão por mim, que nunca encontrarei ocasião de conversar com ele e de consolá-lo.

— E, entretanto, és tão inteligente, Fadette, falas tão bem, tens um dom tão particular para persuadir, quando o queres, quando te esforças para isso, que, se lhe falasses nem que fosse só uma hora, ele sentiria os efeitos. Experimenta fazer isso, sou eu quem te pede. Não desistas diante de seu orgulho e de seu mau humor. Obriga-o a te dar ouvidos. Faz esse sacrifício por mim, minha Fadette e também pelo nosso amor, porque a oposição de meu pai não é o menor de nossos obstáculos.

Fadette prometeu, e separaram-se após terem repetido um ao outro, mais de duzentas vezes, que se amavam e se amariam para sempre.

XXXIII

Ninguém soube, no lugar, que Landry tinha aparecido por lá. Sylvinet teria uma recaída e não perdoaria ao irmão de ter visto a pequena Fadette sem procurar estar com êle, se atquem lhe tivesse falado na visita de Landry.

Dois dias mais tarde, a pequena Fadette vestiu-se com muito cuidado, porque já não era a pobretona de outrora, e seu luto era de sarja fina. Atravessou o burgo da Cosse, e como tinha crescido muito, aqueles que a vram passar não a reconheceram a princípio. Tinha enfeitado consideravelmente na cidade. Alimentando-se bem e resguardada do ar e do sol, tinha adquirido uma pele clara e fina e tanta carne quanto convinha à sua idade. Já não podiam confundí-la com um menino de saias, de tal forma seu porte era agora bonito e elegante. O amor e a felicidade tinham acrescentado ao seu rosto e a tóda a sua pessoa certo ar que se vê mas não se pode explicar. Enfim, se não era a moça mais bonita do mundo, como Landry imaginava, tornara-se, entretanto, a mais simpática, a mais bem feita, a mais graciosa e, talvez, a mais desejável que havia no lugar.

Levava um grande cesto pendurado no braço. Entrou na Bessonière, onde pediu para falar com o pai Barbeau. Sendo o primeiro a avistá-la, Sylvinet deu-lhe as costas, querendo evitá-la, de tal forma lhe desagradava sua presença. Ela, porém, perguntou-lhe onde estava o pai, com modos tão delicados, que êle se viu obrigado a responder-lhe e a conduzi-la para a granja, onde o pai Barbeau estava ocupado em debulhar. Então, pedindo-lhe a pequena Fadette que a levasse a um local onde pudesse falar-lhe em segredo o pai Barbeau fechou a porta da granja e lhe declarou que ela podia dizer o que quisesse.

A pequena Fadette não se deixou desanimar pelos ares frios do pai Barbeau. Cada um se sentou num monte de palha, e ela lhe falou deste modo:

— Pai Barbeau, embora minha falecida avó tivesse raiva do senhor, assim como o senhor também tem raiva de mim, nem por isso deixo de reconhecê-lo como o homem mais justo e mais sensato de tóda a nossa terra. A opinião é unânime a êsse respeito, e minha própria avó, mesmo quando o censurava de ser orgulhoso, não deixava de lhe fazer essa justiça. Além d'isso eu tenho, como o senhor sabe, uma amizade muito antiga pelo seu filho Landry. Muitas e muitas vezes êle me falou no senhor, e sei por êle, ainda melhor do que por tódos os outros, quem o se-

CRISE DE TRANSPORTES

A população do Distrito Federal tem no ônibus um dos seus transportes preferidos. É uma condução acessível, melhor do que o bonde e muito mais barata do que o auto-lotação.

O número de viagens e os passageiros transportados durante os cinco primeiros meses deste ano, oscilaram com pequenas alterações.

Vejam os. De janeiro a maio aumentaram e diminuíram o número de viagens:

Meses	Zona urbana	Zona sub.	Total
Janeiro	279.310	50.514	329.824
Fevereiro	251.377	45.878	297.255
Março	281.739	49.819	331.558
Abril	272.204	50.685	322.889
Maio	294.765	50.575	345.340

Da mesma forma, o número de passageiros viajando nas diversas linhas de ônibus:

Meses	Zona urbana	Zona sub.	Total
Janeiro ...	9.633.822	1.794.045	11.427.867
Fevereiro ...	8.643.825	1.171.992	10.365.817
Março ...	10.046.757	1.902.004	11.948.761
Abril	10.155.667	1.956.659	12.112.326
Maio	11.144.878	1.976.056	13.120.934

Quanto são os passageiros que viajam nos bondes? Vejam os, também, nos cinco primeiros meses deste ano, incluindo os transportes da Ilha Governador e da zona rural:

Meses	Passageiros
Janeiro	51.259.895
Fevereiro	46.789.607
Março	51.231.166
Abril	50.316.120
Maio	52.251.229

DOCES

CANGICA DE MILHO VERDE — Proporções: 15 espigas de milho verde; 1 meia xícara de açúcar; 1 colher de chá bem cheia, de sal; 1 xícara de leite de coco tirado em pouca água; 2 litros de leite de coco (ralo); canela; uma colher de sopa de manteiga. Ralam-se ou passam-se na máquina as espigas de milho (os grãos). Lava-se a massa resultante com metade do leite de coco e passa-se numa peneira. A massa espremida passa-se de novo na máquina e torna-se a lavar com o resto do leite, coando-se como da 1ª vez.

BEIJOS DE CABOCLA — De um coco bem ralado tira-se todo o leite. 200 gramas de açúcar em ponto de fio e depois de fria a calda. 50 grs. de manteiga sem sal. 20 grs. de farinha de trigo. 1 ovo com



clara e 2 gemas batidas levemente.

Junta-se a isto o leite de coco, mistura-se tudo muito bem e leva-se a assar em forminhas, em forno regular. Depois de tudo frio arruma-se nos pratos tendo o cuidado de não pôr um sobre o outro.

BOLO JOANINO — Ingredientes — 12 ovos, sendo 6 com claras e 6 sem elas; 3 xícaras de açúcar. Bate-se como para pão-de-ló. Juntam-se então 3 xícaras de massa de mandioca bem lavada e seca ao sol, passada em peneira bem fina. Depois de tudo bem batido põe-se uma xícara de manteiga e torna-se a bater; junta-se canela, cravo e erva doce e põe-se a assar, em forno brando, em forma bem untada. Assa-se também em folhas de bananeira, bem verdes.



BATATAS RECHEADAS — Cozinham-se ervas ou outras verduras. Depois de cozidas, faz-se um creme espesso, que se refoga com tomate e cebola picada. Escolhem-se batatas grandes, partem-se ao meio, depois de descascadas e lavadas, e se cavavam deixando uma cavidade no meio. Recheiam-se com o refogado e cobrem-se com ovo batido e pão ralado; fritam-se e põem-se numa panela com um pouco de azeite e salsa, deixando-se assar e pondo-se um pouquinho d'água se estiverem secas, até amaciarem.

COUVE-FLORES AO GRATIN — Cozinham-se em pouca água; frita-se uma cebola picada e põem-se a couve-flor com temperos verdes tudo em pouca água; frita-se mais 1 cebola picadinha e um pouco de alho; põem-se uma colher de farinha de trigo, mexe-se continuamente, preparando-se, assim, o molho que se põe sobre a couve-flor depois de ter escorrido bem.

CHURRASCO AO RIO GRANDE — Tempera-se a carne de rez nova, apenas com sal.

Escolhe-se para este prato a manja do costilhar, o assado de quarto, as agulhas ou o matambê.

Assa-se em espeto especial, de ferro ou madeira, a fogo lento e vai-se derramando salmoura sobre a carne, com o auxílio de um ramo de ervas. O fogo, geralmente, é feito num buraco praticado na terra. Quando as brasas estiverem bem vivas aproxima-se o espeto, no qual se fincou a carne, conservando-a sempre molhada na salmoura e a salvo do fogo para assar melhor. Serve-se com farinha de mandioca e uma boa salada de cebolas.



Amiga: Faça de MOMENTO FEMININO o seu jornal

LEIA VETERINARIA

Revista técnica, trimestral, sob os auspícios do Diretório Acadêmico e colaboração dos professores da Escola Nacional de Veterinária

ASSINATURA ANUAL . CR\$ 18,00

NÚMERO AVULSO . . . CR\$ 5,00

REDAÇÃO

Avenida Maracanã, 200 — Rio de Janeiro

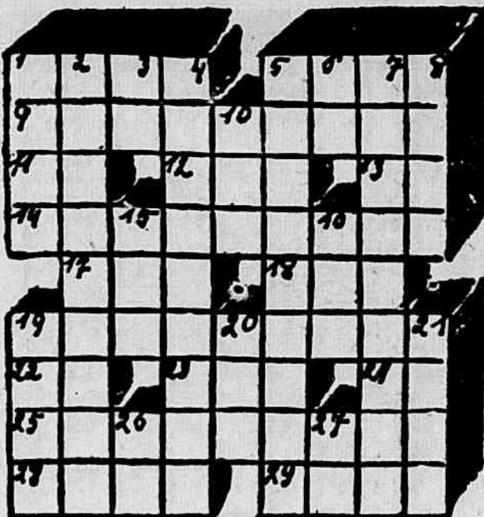
TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecologista

Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5656

PALAVRAS CRUZADAS



Juliana e M. Solon.
Rio

CHAVES HORIZONTAIS

1 Fome, penúria. 5 Índios que habitavam os rios Paranapanama e Peixe.

9 Espécie de carruagem. 11 Nesse tempo. 12 Pronome pessoal. 13 Símbolo do Tungstênio. 14 Adorador do pão. 17 Nada. 18 Prefixo grego que significa novo. 19 Sistema de greves ou paredes. 22 Abreviatura de idem. 23 Pêso empregado em Londres para a lã. 24 Preposição. 25 Não prossegue. 28 Heráclito e padre de Alexandria. 29 Produzir som

CHAVES VERTICAIS

1 Estertor. 2 Mestre das jangadas grandes. 3 Crença religiosa. 4 Pesa-licores. 5 Ninfas do oceano. 6 Cabeça de partido. 7 Faça entrar. 8 Espécie de lambari prateado. 10 Rio de Alsácia. 15 Sustentar. 16 Epiderme. 19 Sova. 20 Causa pena. 21 Nome próprio masculino. 26 Duas vezes. 27 Desacompanhado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

1 Baco. 6 Formoso. 8 Cl. 9 Rir. 10 Rs. 12 Encerrada. 15 Içam. 16 Evar. 17 Farandola. 19 A d. 20 Pão. 21 Ir. 22 A bairro. 25 Irmãs.

VERTICAIS

1 Bo. 2 Arrematar. 3 Emir. 4 Corredora. 5 Os. 6 Fincada. 7 Ordalia. 8 Ceifa. 11 Sarar. 13 Car. 14 Aro. 18 Naim. 23 Bi. 24 Rs.

Solução Dos Enigmas Publicados

- 1 — A vista faz fé
- 2 — Homem morto não fala
- 3 — Três irmãos, três fortalezas.

GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.º ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92

Telefone: 38-3030 — Rio

